

LUÍSA ROIG MARTINS

A BOTÂNICA NA TV: UM ESTUDO SOBRE O PROGRAMA “UM PÉ DE QUÊ?”

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof^a Dra. Leila Macias

Pelotas

2008

Banca Examinadora:

Orientadora Prof^a Dr^a Leila Macias
Universidade Federal de Pelotas

Prof^a Dra. Raquel Lüdtkke

Prof. Márcio Mello

“Quem conhece, admira. Quem admira, gosta. Quem gosta, conserva.” (Autor desconhecido)

AGRADECIMENTOS

À professora, orientadora e amiga Leila Macias, que compartilhou comigo angústias e alegrias durante o processo da monografia.

Ao quarteto, por ter feito valer a pena os cinco anos de faculdade.

Aos meus amigos amados, pelo conforto, incentivo e entendimento.

Aos amigos, hoje distantes, Nathalia e Francisco, por me terem feito descobrir a paixão pela Comunicação.

Ao professor Marco Medronha, pela disponibilidade.

À família Veiga, pela flexibilidade.

À Escola Mário Quintana, por me ter cedido espaço para realizar a pesquisa.

À equipe Pindorama Filmes, em especial à Ana Carolina Oliveira, sempre disposta a esclarecer minhas dúvidas.

À Dinda, pelas manhãs de correção e boa companhia.

À minha família querida, por não me deixar desistir.

RESUMO

A televisão opera na constituição dos sujeitos e subjetividades na sociedade contemporânea, na medida em que produz imagens, significações e saberes que de alguma forma se dirigem à educação das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem. A temática ambiental, que ganhou destaque após a conferência Rio-92, é essencialmente interdisciplinar e passa pelo âmbito comunicacional para o conhecimento dos indivíduos. A flora brasileira – a mais diversificada do mundo – é de grande relevância para a população: a partir dela, há produção de remédios e alimentos, além de serem economicamente importantes. Por isso, tem-se a necessidade de preservar as espécies vegetais. O programa “Um pé de quê?”, do Canal Futura, aborda, a cada episódio, uma árvore brasileira e todos os seus aspectos etnobotânicos. Através de seu compromisso com a natureza e de sua linguagem coloquial, aprovada por alunos do Ensino Fundamental, o programa se torna um rico material educativo-ambiental de conservação e consciência ecológica.

Palavras-chave: botânica, televisão, educação ambiental, etnobotânica, conservação.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Qual seu grau de interesse pela disciplina de botânica?.....	27
FIGURA 2 - Você já tinha ouvido falar no programa?.....	28
FIGURA 3 - O texto narrado pela apresentadora é de fácil entendimento?.....	29
FIGURA 4 - As pessoas entrevistadas foram bem selecionadas?.....	30
FIGURA 5 - É necessário que o telespectador tenha um conhecimento botânico para entender a mensagem passada pelo programa?.....	31
FIGURA 6 - Você acha que alguém sem muito conhecimento botânico se conscientizaria sobre a conservação das espécies botânicas após assistir ao programa?.....	32
FIGURA 7 - Como você classificaria o programa?.....	33

LISTA DE TABELAS

TABELA 01 - Lista sistemática das Espécies Vegetais Abordadas no Programa “Um Pé de Quê?”	18
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPITULO I – A FLORA BRASILEIRA.....	11
1.1 – Etnobotânica: a relação do Homem com as Plantas.....	12
CAPITULO II – A TELEVISÃO EDUCATIVA.....	14
2.1 – O Canal Futura.....	15
2.2 – O Programa “UM PÉ DE QUÊ?”.....	16
2.3 – Plantas em Questão.....	18
2.3.1 - <i>Lecythis pisonis</i> Camb.	21
2.3.2 - <i>Cecropia pachystachya</i> Trec.	22
2.3.3 - <i>Mauritia flexuosa</i> L.f.	23
2.3.4 - <i>Coroupita guianensis</i> Aubl.	24
2.3.5 - <i>Euterpe edulis</i> Mart.	25
CAPITULO III – METODOLOGIA.....	26
3.1 – Definição da Amostra.....	26
3.2 – Elaboração dos Instrumentos para Coleta de Dados.....	26
3.3 - Coleta de Dados e Tratamento.....	27
3.4 – Análise dos Resultados.....	27
CAPITULO IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	36
APÊNDICE.....	38
ANEXOS.....	39

INTRODUÇÃO

A Agenda 21 brasileira (MMA, 2000), um dos principais documentos retirados do maior encontro de líderes governamentais e não-governamentais sobre a problemática ambiental no planeta, a Rio 92, aponta o papel dos meios de comunicação como responsáveis por promover não só a melhoria da qualidade de vida das pessoas, como a formação de sujeitos críticos e éticos, estando ligados à educação. Isso implica na necessidade de entender a disseminação de informações e conceitos utilizados pelos veículos de comunicação, que passam a ter importante função nas discussões, formando e interferindo nas visões e interpretações sobre a natureza e o ambiente social.

A educação ambiental emerge, portanto, como possibilidade de formar os novos valores para orientar essa transição em direção à sustentabilidade, ou seja, como um instrumento para a construção da racionalidade ambiental. Isso significa pensar a temática ambiental sob a ótica do cotidiano e da manutenção da coletividade.

Dentro do contexto ambiental, a botânica assume papel de destaque por constituir-se em uma ciência de grande aplicabilidade no cotidiano da população. Considera-se que desde a Antigüidade as plantas são utilizadas como alimentos e remédios. Dessa forma, torna-se fundamental divulgar a importância das ações de conservação e manejo sustentável para com o reino vegetal, especialmente no Brasil, o país com a mais diversificada flora arbórea do planeta.

É inegável que é pela televisão que tomamos conhecimento da grande pluralidade cultural do Brasil. Porém, esse meio de comunicação não é apenas uma fonte básica de informação e lazer. Segundo Fischer (2002, p.153), trata-se bem mais de um lugar extremamente poderoso no que tange à produção e à circulação de uma série de valores, concepções, representações – relacionadas a um aprendizado cotidiano.

Um estudo realizado por Duarte, Leite e Migliora (2006, p.507) mostra que as crianças não têm dúvidas quanto ao caráter educativo da televisão e que elas parecem saber avaliar o que a televisão pode ou não lhes oferecer do conjunto dos saberes que acreditam serem necessários para transitar na sociedade. Apesar das duras críticas que os adultos, sobretudo os educadores, fazem à televisão, as crianças,

segmento mais significativo de telespectadores na maioria dos países do mundo, a têm em alta conta porque, na opinião delas, ela consegue aliar ensinamento e entretenimento.

Segundo Orozco (2000, p.66),

Chega-se então a pensar que os meios de comunicação não têm nada a ver com educação. Essa é uma idéia generalizada. Todavia, me parece muito importante se mudar essa idéia social de que os meios de comunicação somente servem para divertir e informar. Porque justamente, o divertir e o informar estão produzindo aprendizagens em todos os setores, mas isso não se estende porque há uma definição muito estreita, muito reducionista da educação: educação é aquilo que é instrução, tudo aquilo que eu quero ensinar, que a sociedade diz que eu devo ensinar às crianças, isso é educação. Então, educação é aquilo que faz a escola. Nenhuma outra instituição pode educar. Educação é aquilo que se faz seriamente, com muito esforço. Aquilo que é divertido não é educação. Então, eu acredito que há uma idéia equivocada sobre educação e que é preciso mudar essa idéia. Educação pode ser muito divertida, pode ser fora da escola, pode ser muito mais que somente instrução.

Dessa forma, a televisão deveria ser utilizada nas escolas como forma alternativa de educar. Baccega (2000, p.95) afirma que

(...) a televisão, com meio século de presença entre nós, compartilha com a escola e a família o processo educacional, tendo-se tornado um importante agente de formação. Ela até mesmo leva vantagem em relação aos demais agentes: sua linguagem é mais ágil e está muito mais integrada ao cotidiano. O tempo de exposição das pessoas à televisão costuma ser maior do que o destinado à escola ou à convivência com os pais.

O programa “Um pé de quê?”, idealizado por Regina Casé e produzido pela Pindorama Filmes e Canal Futura, tem como personagens principais as árvores brasileiras. Ao falar de modo interdisciplinar sobre botânica, história, geografia, economia, urbanismo, literatura, ecologia, sustentabilidade, artesanato e outros aspectos do conhecimento, o programa estabelece relações e significados a partir de histórias da árvore-tema, da região onde ela se encontra e do relato de pessoas entrevistadas, constituindo-se, então, de um bom material para a educação ambiental. Dessa forma, o presente trabalho objetivou analisar o programa “Um pé de quê” em relação à sua linguagem, informação didática e grau de entretenimento no contexto educacional, através de uma pesquisa qualitativa com alunos das sétimas e oitavas séries do Ensino Fundamental.

CAPITULO I

A FLORA BRASILEIRA

A vastidão do território brasileiro acolhe um enorme número de espécies vegetais, conferindo ao Brasil o posto de país com a mais diversificada flora arbórea do planeta. Em 1998, de acordo com estimativas do Ministério do Meio Ambiente, existiam de cinco a dez espécies de gimnospermas, de 55.000 a 60.000 espécies de angiospermas, de 1.200 a 1.300 de pteridófitas, 3.100 espécies de briófitas e 525 espécies de algas marinhas (POLITTO, TOMAZELLO & TAKASHIBA, 2004, p.42). Os dados indicam que o Brasil concentra 19% da flora mundial, sendo várias dessas espécies endêmicas. Segundo a Enciclopédia Encarta, o número atual de plantas conhecidas representa apenas 60% a 80% das plantas realmente existentes no Brasil.

A flora brasileira tem ampla distribuição, ocorrendo, por exemplo, em floresta tropical, campos rupestres e matas de araucária. A maior parte dessa flora encontra-se na Mata Atlântica e na Floresta Amazônica, embora o Pantanal Mato-Grossense, o Cerrado e as Restingas também apresentem grande diversidade vegetal.

A exploração desenfreada dos recursos naturais ameaça grande parte dos ecossistemas, chegando a pôr em perigo a sobrevivência de muitas espécies vegetais. Espécies de grande valor estão em vias de se extinguirem, assim como os representantes da fauna que dependem dessas espécies (LORENZI, 1992¹). A Fundação Biodiversitas, sob encomenda do Ministério do Meio Ambiente, divulgou, em 20 de setembro de 2008, a Lista Oficial das Espécies da Flora Brasileira Ameaçadas de Extinção. Os resultados mostram um número quatro vezes maior que a lista anterior de 1992: 472 espécies. Os biomas com maior número de espécies ameaçadas são, em ordem, a Mata Atlântica, o Cerrado e a Caatinga. Isso reflete o aumento das pressões antrópicas sobre a vegetação de diferentes regiões brasileiras.

¹ Informação retirada da Introdução do livro *Árvores Brasileiras*, de Lorenzi. A paginação do livro começa após a Introdução e por isso não foi aqui especificada.

A importância das espécies vegetais, no contexto brasileiro, vem de tempos remotos, visto que o nome da nação “Brasil” foi baseado na árvore popularmente conhecida como pau-brasil (*Caesalpinia echinata* Lam.). Hoje, sabe-se que as matas e florestas nativas são fundamentais na manutenção do ciclo da água, evitando contaminações de nascentes e o assoreamento do leito de córregos, rios e lagoas. Além disso, as matas nativas abrigam a fauna e a alimentam com seus frutos, garantindo sua diversidade.

Aspectos econômicos também devem ser considerados ao falarmos da flora brasileira. Rizzini e Mors (1995, p.3) apontam que muitas espécies potencialmente úteis são conhecidas, mas subutilizadas, enquanto outras aguardam pelo descobrimento. É o caso, por exemplo, das centenas de plantas medicinais usadas pela população.

Nesse sentido, tem-se a necessidade de cada vez mais estimular políticas de conservação. Coibir o crime ambiental, estimular a criação de Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs) e tomar medidas para impedir o corte, o transporte e a comercialização de espécies ameaçadas, são medidas propostas pelo atual Ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc². Mais que isso, é necessária uma grande atuação da educação ambiental, propiciando informações suficientes para modificar todo um comportamento social, de modo que a população, conscientizada da importância da conservação da biodiversidade, possa exigir a legalidade da atividade.

1.1 – Etnobotânica: a Relação do Homem com as Plantas

Ao longo de sua história, o homem acumulou informações sobre o ambiente que o cerca e, sem dúvida, esse acervo baseou-se na observação constante e sistemática dos fenômenos e características da natureza. Nesse contexto, inserem-se os conhecimentos relativos ao mundo vegetal.

Ao definir etnobiologia, Posey (1987, p.16) afirmou:

A etnobiologia é essencialmente o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito da biologia. Em

² Informação contida na reportagem de Daniela Mendes para o Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/ascom/ultimas/index.cfm?id=4370>>.

outras palavras, é o estudo do papel da natureza no sistema de crenças e adaptação do homem a determinados ambientes.

A história da etnobotânica, segmento da etnobiologia voltado ao domínio vegetal, para Prance (1995, p.63), começa a partir dos trabalhos de Linnaeus, devido aos seus diários de viagem apresentarem dados referentes às culturas visitadas, aos costumes de seus habitantes e ao modo de utilização das plantas. Ming (1995, p.53) ampliou o conceito, abrangendo todos os aspectos da relação do ser humano com as plantas, seja de ordem concreta – uso material e cultural – ou abstrata – símbolos de culto, folclore e plantas sagradas.

Alcorn (1995, p.31) analisa a etnobotânica através das relações entre os seres humanos e os recursos vegetais, procurando responder questões como: quais plantas estão disponíveis em um determinado ambiente, quais plantas são reconhecidas como recursos, como o conhecimento etnobotânico está distribuído na população e como os indivíduos utilizam e manejam a vegetação.

Atualmente, pode-se entender a etnobotânica como sendo o estudo das sociedades humanas, passadas e/ou presentes, e suas interações ecológicas, genéticas, evolutivas e culturais com as plantas, ou seja, o estudo das inter-relações, materiais ou simbólicas, entre o ser humano e as plantas, levando-se em consideração fatores ambientais e culturais.

A importância dos estudos etnobotânicos no Brasil está relacionada à imensa riqueza da nossa flora e à forte pressão antrópica que os ecossistemas vêm sofrendo, acarretando a perda de vastas áreas verdes, da cultura e das tradições das comunidades que habitam essas áreas e que dependem dos recursos do meio para sobreviver. Nesse sentido, a intensificação dos trabalhos etnobotânicos pode servir como instrumento para delinear estratégias de utilização e conservação das espécies nativas e seus potenciais. Além disso, através da valorização e do conhecimento empírico das sociedades humanas, pode-se incentivar a geração de conhecimento científico e tecnológico voltados para o uso sustentável dos recursos naturais. Em resumo, os estudos etnobotânicos trazem contribuições para a conservação da diversidade biológica e cultural da região estudada e para a compreensão de diferentes aspectos do comportamento humano.

CAPITULO II

A TELEVISÃO EDUCATIVA

Com o desenvolvimento da sociedade, o homem passou a dispor de menos tempo para informar-se. Por isso, dentre os meios de comunicação, a televisão assumiu papel de destaque, por ser uma forma mais ágil de informação, além de visualmente estimulante. Através da televisão, é possível estabelecer contato com outros mundos, outros povos e outras culturas. Nessa perspectiva, a televisão se apresenta também como uma oportunidade de aprendizagem, pois ela entretém, inegavelmente informa e, de certo modo, educa.

A televisão de caráter educativo, por sua característica temática e segmentada, deve oferecer uma informação mais dirigida e de mais qualidade e intensidade, apropriada aos formatos e à linguagem televisiva. Isso implica evitar padrões de sala de aula, conferências, seminários e longas entrevistas, uma vez que esse formato foge aos conceitos básicos da linguagem televisiva de objetivar a informação e torná-la mais fragmentada para facilitar e atrair a atenção do telespectador.

Essa fragmentação, no entanto, refere-se à linguagem e não ao conteúdo do produto televisivo. O desafio de um programa educativo é ser tão atrativo quanto um programa que vise apenas o entretenimento e informar tanto quanto a aula de um bom professor.

Uma das características da televisão é o tratamento mais superficial da informação; mesmo que não haja a abordagem profunda que existe em uma sala de aula, a televisão educativa possibilita o contato com o conhecimento diversificado, já que apela para múltiplos sentidos. A aprendizagem decorrente da televisão se distingue, portanto, daquela feita na escola tradicional. A televisão tem forte apelo visual, adota uma linguagem coloquial, um ritmo acelerado e a mistura de vários elementos que fazem do meio um espaço privilegiado na cultura contemporânea. Desse modo, é fundamental considerar a educação pela mídia como um modo alternativo de educar.

2.1 – O CANAL FUTURA

Hoje o mercado que envolve a televisão como recurso didático conta com a participação da iniciativa privada – como é o caso do Canal Futura, canal por assinatura, criado pela Fundação Roberto Marinho com o apoio de mais de 14 empresas privadas, cujos recursos financeiros permitem manter um excelente nível de qualidade em seus produtos. De acordo com Franciscon (1997, p.23),

a entrada da iniciativa privada nesse segmento estimulou a busca pela qualidade. Não é mais aceitável acreditar que a educação na TV é apenas focar um professor, uma lousa e deixar que ele se vire para passar a mensagem.

O Canal Futura é um projeto social de comunicação, de iniciativa privada e de interesse público, no ar 24 horas por dia. A partir de suas características atrativas e educativas, o Futura atua colocando em conexão pessoas, idéias, redes e instituições.

O Futura transmite valores e informações úteis ao cotidiano da população, alcançando crianças, jovens, famílias e trabalhadores, criando uma linguagem plural para abordar temas de importância e interesse coletivo. Dentre os princípios e valores do Futura estão o espírito comunitário – que incentiva a participação das pessoas na construção da sociedade e o compromisso com o bem comum - a ética – que resgata o respeito aos direitos e às responsabilidades presentes no dia-a-dia de indivíduos, grupos e instituições – e o pluralismo – que visa dar visibilidade à diversidade cultural brasileira, valorizando os modos de viver, pensar e se expressar do nosso povo³.

De acordo com as pesquisas do Instituto Datafolha, realizadas entre 2003 e 2006, o tema meio ambiente é o tema mais buscado pelos telespectadores do canal, que apresentam um engajamento social bem maior do que os não-telespectadores. Mostraram também que quem assiste a programação do canal é menos propenso a preconceitos e racismo, pois aprendem como respeitar as diferenças. Isso porque o Canal Futura estimula o pensamento e a reflexão sobre os assuntos assistidos, fazendo com que os telespectadores apliquem o conhecimento adquirido.

³ Informações retiradas do site do Canal Futura. Disponível em: <<http://www.futura.org.br>>.

2.2 – O Programa “UM PÉ DE QUÊ?”

Idealizado e apresentado pela atriz Regina Casé (Anexo 2), o programa “Um pé de quê?”, produzido pela Pindorama Filmes e Canal Futura, tem como personagens principais as árvores brasileiras. A cada programa uma espécie é mostrada, com uma ampla abordagem, que revela as histórias curiosas que existem por trás da nossa diversidade florística. A equipe do programa já percorreu vários estados brasileiros, mostrando como o ser humano se relaciona com as espécies vegetais.

A partir de uma linguagem popular, do relato dos entrevistados e da divulgação de expressões artísticas e de características próprias da população, o programa pode ser classificado como educativo, visto que direta ou indiretamente aborda temas como conservação ambiental e consciência ecológica e cultural.

Programas inéditos vão ao ar semanalmente, às quartas-feiras, e reprisam aos sábados, domingos e às segundas-feiras, em diferentes horários. Com duração de 20 minutos, o programa “Um pé de quê?” é voltado para temáticas de diversidade cultural, histórica e, claro, botânica.

A questão ambiental é o destaque dentre as temáticas trabalhadas no programa “Um pé de quê?” já que esse é o carro-chefe do programa.

Alguns autores já dissertaram sobre o tratamento dado pelos programas jornalísticos ao tema. Segundo Ziggiatti apud Sousa & Fernandes (2000),

a comunicação é essencial para a conscientização pública de segmentos da sociedade sobre como agir para a promoção do desenvolvimento sustentável. Todos têm direito à informação. A imprensa é a forma de democratizar a informação científica e tecnológica embutida nas questões ambientais.

Embora em seu texto Sousa & Fernandes tenham demonstrado a existência de um tratamento superficial dos programas jornalísticos para com as questões ambientais, apoiamo-nos nessa citação que relaciona comunicação e meio-ambiente como justificativa para a escolha de nosso objeto, pois o programa “Um pé de quê?”, além de não ser jornalístico, trata de questões envolvendo conscientização ecológica e conservação ambiental, dando bons exemplos de desenvolvimento sustentável.

Desde a primeira temporada, em 2001, já foram abordadas 112 espécies vegetais. No programa, a árvore serve como chave para entender as referências que

constituem a cultura local, sendo um caminho rico tanto para a estrutura narrativa do programa quanto como inspiração para o uso criativo dos recursos audiovisuais.

Como exemplo, podemos citar o episódio sobre o pé de romã (*Punica granatum* L.). No programa, fé e prosperidade se misturam a esse fruto, que é conhecido pelas simpatias de ano novo. O programa segue a trilha histórica da romã e mostra seu significado nas três principais religiões monoteístas: judaísmo, cristianismo e islamismo. De acordo com o professor José Carlos Rodrigues⁴, do Departamento de Comunicação da PUC-Rio,

o programa demonstra de modo claríssimo como sistemas culturais distintos podem ao mesmo tempo diferir e se assemelhar. E isso sem didatismos exagerados e de modo muito respeitoso. Sem que o assunto seja muito explicitado, o programa pratica respeito pela diferença e transmite de modo efetivo a importância da convivência democrática.

Outro exemplo, agora envolvendo mais a questão ambiental que a histórica, é a temporada de 2004, em que as árvores amazônicas foram o destaque. Os treze episódios reuniram várias espécies da região e abordaram importantes questões: a biodiversidade da Amazônia, o problema da biopirataria, o potencial comercial das espécies e as atividades econômicas sustentáveis, como a madeira certificada.

Para o presidente do Banco da Amazônia, Mâncio Cordeiro, a série sobre árvores amazônicas do programa é importante para reiterar, na consciência nacional, a singular relevância da região para o desenvolvimento sustentável do país, daí o apoio dado pela instituição a essa iniciativa do Canal Futura⁵.

A partir de 2007, o programa passou a ser “Carbono Neutro”, ou seja, todas as emissões de carbono feitas pela produção durante a temporada seriam neutralizadas com o plantio de árvores. Abordando temas atuais, como aquecimento global, Regina Casé mostra as diversas espécies da flora brasileira em seus mais diversos aspectos, como época de floração, origens e características físicas, buscando relações com fatos importantes da história do Brasil.

De um modo geral, pode-se dizer que o programa “Um pé de quê?” busca a origem de cada árvore, suas características, suas relações com o homem, com as

⁴ A avaliação do programa pelo professor foi realizada no Fórum TV & Universidade, em junho de 2006.

⁵ Informação contida na reportagem “‘Um pé de quê?’ fala de árvores amazônicas” para o Jornal Online Página 20. Disponível em: <http://www.pagina20.com.br/23052004/c_0723052004.htm>.

idades e com a história, em uma viagem que vai da botânica aos costumes populares, das lendas indígenas às altas tecnologias, da economia à religião, da antropologia ao paisagismo, da política à arte.

2.3 – Plantas em Questão

Das 112 plantas abordadas no programa “Um pé de quê?”, só uma é pertencente ao clado das Pteridófitas: *Dicksonia sellowiana* Hook., ou xaxim. Da mesma forma, apenas uma é classificada como Gimnosperma: a *Araucaria angustifolia* (Bert.) O. Kuntze. As outras 110 pertencem ao clado das Angiospermas e estão distribuídas em 38 famílias, como mostra a tabela 1, baseada no sistema de classificação Angiosperm Phylogeny Group (APG) II.

Tabela 1 – Lista sistemática das espécies vegetais abordadas no programa “Um pé de quê?”.

Família	Espécie	Nome popular
Lauraceae	<i>Ocotea pretiosa</i> (Nees) Mez	Imbuia
	<i>Persea americana</i>	Abacate
Arecaceae	<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd.	Macaúba
	<i>Astrocaryum vulgare</i> Mart.	Tucumã
	<i>Attalea dubia</i> (Mart.) Bur.	Indaiá
	<i>Attalea funifera</i> Mart.	Piaçava
	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro
	<i>Copernicia frunifera</i> (Miller) H. E. Moore	Carnaúba
	<i>Elaeis guineensis</i> Jacq.	Dendê
	<i>Euterpe edulis</i> Mart.	Juçara
	<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	Açaí
	<i>Mauritia flexuosa</i> L.f.	Buriti
	<i>Orbignya speciosa</i> (Mart.) Barb. Rodr.	Babaçu
	<i>Roystonea oleracea</i> Jacq.	Palmeira Imperial
	<i>Syagrus coronata</i> (Mart.) Becc.	Ouricuri
<i>Syagrus oleracea</i> (Mart.) Becc.	Catolé	
<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassm.	Jerivá	
Poaceae	<i>Bambusa vulgaris</i> Schrad. Ex J.C. Wendl.	Bambu
	<i>Saccharum spp.</i> L.	Cana-de-açúcar
Musaceae	<i>Musa paradisiaca</i> L.	Bananeira
Dilleniaceae	<i>Curatella americana</i> L.	Lixeira

Nyctaginaceae	<i>Bougainvillea glabra</i> Choisy	Bougainville
Phytolaccaceae	<i>Gallea integrifolia</i> (Spreng.) Harms	Pau d'Alho
Combretaceae	<i>Terminalia catappa</i> L.	Amendoeira
Lythraceae	<i>Punica granatum</i> L.	Romã
Melastomataceae	<i>Tibouchina granulosa</i> Cogn.	Quaresmeira
Myrtaceae	<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	Eucalipto
	<i>Eugenia cauliflora</i> DC.	Jaboticaba
	<i>Eugenia copacabanensis</i> Kiaersk.	Cambuí-amarelo-grande
	<i>Eugenia jambolana</i> Lam.	Jamelão
	<i>Eugenia marambaiensis</i> M.C.Souza & M.P.Morim	⁶
	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga
	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiabeira
	<i>Syzygium malaccense</i> (L.) Merr. & LM Perry	Jambo
Zygophyllaceae	<i>Bulnesia sarmientoi</i> Lor. et Griseb.	Pau-Santo
Fabaceae	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	Pau-Brasil
	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart. ex Tul.	Pau-Ferro
	<i>Caesalpinia peltophoroides</i> Benth.	Sibipiruna
	<i>Cassia leptophylla</i> Vog.	Barbatimão
	<i>Chloroleucon tortum</i> (Mart.) Barneby & J.W.Grimes	Tataré
	<i>Dalbergia melanoxyton</i> Guill. & Perr.	Pau-Preto
	<i>Dalbergia nigra</i> (Vell.) Fr. All. Ex Benth.	Jacarandá
	<i>Enterolobium cortortisiliquum</i> (Vell.) Morong	Tamboril
	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá
	<i>Mimosa tenuiflora</i> (Willd.) Poiret	Jurema
	<i>Myrocarpus frondosus</i> Fr. All.	Cabreúva
	<i>Parkia pendula</i> (Willd.) Benth. Ex Walpers	Visgueiro
	<i>Peltogyne angustiflora</i> Ducke	Roxinho
	<i>Schizolobium parahyba</i> (Vell.) Blake	Guapuvuru
	<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo
	<i>Tipuana tipu</i> (Benth.) O.Kuntze	Tipuana
Caryocaraceae	<i>Caryocar brasiliense</i> Camb.	Pequi
Chrysobalanaceae	<i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch.	Oiti
Clusiaceae	<i>Calophyllum brasiliense</i> Camb.	Guanandi
	<i>Caraipa fasciculata</i> Cambess.	Camaçari
	<i>Clusia hilariana</i> Schlttdl.	Clússia
	<i>Platonia insignis</i> Mart.	Bacuri
Euphorbiaceae	<i>Cnidoscolus phyllacanthus</i> (M. Arg.) Pax et Hoffm.	Favela
	<i>Hevea brasiliensis</i> M. Arg.	Seringueira
	<i>Hura crepitans</i> L.	Assacu
	<i>Joannesia princeps</i> Vell.	Cutieira
	<i>Manihot esculenta</i> Crantz.	Mandioca
	<i>Sapium scleratum</i> Ridley	Burra-Leiteira
Rhizophoraceae	<i>Rhizophora mangle</i> L.	Mangue

⁶ Não há registros de nome popular para essa espécie vegetal.

Cannabaceae	<i>Cannabis sativa</i> L.	Cânhamo
Moraceae	<i>Artocarpus altilis</i> J.R. & G.Forst. <i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam. <i>Ficus guaranitica</i> Schodat <i>Zizyphus joazeiro</i> Mart.	Fruta-pão Jaqueira Figueira Juazeiro
Rhamnaceae	<i>Cecropia pachystachya</i> Trec.	Embaúba
Urticaceae	<i>Adansonia digitata</i> Linn.	Baobá
Malvaceae	<i>Ceiba pentandra</i> (L.) Gaertn. <i>Chorisia speciosa</i> St. Hil. <i>Sterculia chicha</i> A.St.-Hil. <i>Theobroma cacao</i> L. <i>Theobroma grandiflorum</i> (Willd. Ex Spreng.) Schum.	Sumaúma Paineira Chicha Cacau Cupuaçu
Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L. <i>Mangifera indica</i> L. <i>Myracodruon urundeuva</i> Fr. All. <i>Schinopsis brasiliensis</i> Engl. <i>Sclerocarya birrea</i> (A.Rich.) Hochst. <i>Spondias mombin</i> L. <i>Spondias tuberosa</i> Arruda <i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) March. <i>Protium spruceanum</i> (Benth.) Engl.	Cajueiro Mangueira Aroeira Quebracho Canho Cajá-Mirim Umbu Breu-Branco
Burseraceae		
Meliaceae	<i>Carapa guianensis</i> Aubl. <i>Cedrela fissilis</i> Vell. <i>Swietenia macrophylla</i> King. <i>Citrus aurantium</i> L.	Almesca Andiroba Cedro Mogno Laranjeira
Rutaceae	<i>Talisia esculenta</i> (St. Hil.) Radlk.	Pitomba
Sapindaceae	<i>Bertholletia excelsa</i> H.B.K. <i>Cariniana estrellensis</i> (Raddi) Kuntze <i>Coroupita guianensis</i> Aubl.	Castanheira Jequitibá
Lecythidaceae	<i>Eschweira ovata</i> (Camb.) Miers <i>Lecythis pisonis</i> Camb.	Abricó-de-Macaco Biriba Sapucaia Saputiaba
Sapotaceae	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) Penn. <i>Camellia japonica</i> L.	
Theaceae	<i>Hancornia speciosa</i> Gómez <i>Parahancornia amapá</i> (Huber) Ducke	Camélia Mangaba Amapá
Apocynaceae		
Rubiaceae	<i>Calycophyllum spruceanum</i> Benth. <i>Coffea arabica</i> L. <i>Randia itatiaiae</i> Silva Neto & Ávila Jr.	Pau-Mulato Café Itatiaia
Acanthaceae	<i>Avicennia schauerianna</i> Stapf. & Leechman	Mangue-Negro
Bignoniaceae	<i>Cybistax antispyllitica</i> (Mart.) Mart. <i>Paratecoma peroba</i> (Rec.) Kuhlmann. <i>Tabebuia cassinoides</i> DC. <i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart.) Standl.	Ipê-Verde Peroba Caixeta Ipê
Solanaceae	<i>Solanum lycocarpum</i> St. Hil.	Lobeira
Aquifoliaceae	<i>Ilex paraguariensis</i> St. Hil.	Erva-Mate

Asteraceae	<i>Eremanthus erythropappus</i> DC.	Candeia
38 famílias	110 espécies	

A partir dessa lista, pode-se observar a grande diversidade de espécies a que o programa “Um pé de quê?” fez referência, passando por plantas de baixa, média e alta complexidade. Dentre essas, foram escolhidas aleatoriamente cinco plantas para realizar a descrição. Suas características, sua ocorrência e fenologia, seus hábitos e utilizações foram descritos de acordo com a bibliografia de Lorenzi (1992).

2.3.1 - *Lecythis pisonis* Camb.

A popular sapucaia, muito comum no sul da Bahia e no norte do Espírito Santo, possui de 20 a 30m de altura e, em média, um tronco de 70cm de diâmetro. Suas folhas são membranáceas, glabras e, quando novas, apresentam coloração rosada. É uma planta decídua, heliófita e seletiva higrófito, característica das matas úmidas da costa atlântica. De uma forma geral, ocorre no interior da mata primária densa, mas tolera formações abertas.

A madeira da sapucaia é apropriada para obras externas (como estacas, esteios, pontes e mastros), construções civis (como vigas, tacos e tábuas para assoalhos), batentes de portas e janelas, carrocerias etc. As sementes, também chamadas de castanhas, são comestíveis e muito saborosas, sendo apreciada pelos animais. O fruto lenhoso é utilizado como adorno e como recipiente na zona rural.

A floração da sapucaia ocorre nos meses de setembro e outubro, junto ao surgimento de novas folhas de cor rosa ou lilás, e a maturação dos frutos de agosto a setembro. Os frutos podem ser recolhidos após sua queda ou diretamente da árvore quando iniciarem a abertura espontânea. Nesse caso, é necessário levar o fruto ao sol para a completa abertura e liberação das sementes.

Para a obtenção de mudas, as sementes são colocadas para germinação logo após a colheita, sem nenhum tratamento e diretamente em recipientes individuais. O substrato deve ser organo-argiloso e o ambiente sombreado é o mais favorável. É necessário cobrir as sementes com uma camada de 1cm do substrato peneirado e irrigar duas vezes ao dia. A emergência ocorre aproximadamente em 55 dias e a

taxa de germinação é moderada. O desenvolvimento das mudas é lento, levando cerca de 9 meses para ficarem prontas para plantio no local definitivo.

2.3.2 - *Cecropia pachystachya* Trec.

A embaúba é uma planta dióica de 4 a 7m de altura e um tronco oco de 15 a 25cm de diâmetro, o qual abriga formigas. As folhas são divididas em 9-10 lobos separados até o pecíolo, com a face superior relativamente áspera e a inferior níveo-tomentosa. Ocorre nos estados do Ceará, Bahia, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul até Santa Catarina, em várias formações vegetais. Também chamada de árvore-da-preguiça, devido aos bichos-preguiça muito apreciarem suas folhas, é uma árvore perenifólia, heliófita e seletiva higrófila, característica de solos úmidos em beira de matas e em suas clareiras. Prefere as matas secundárias, mas pode também ser encontrada em capoeiras novas situadas junto à vertentes ou cursos d'água e em terrenos baixos com lençol freático superficial.

Sua madeira leve, de superfície lisa ao tato e naturalmente de baixa durabilidade tem utilidade na confecção de brinquedos, saltos para calçados, lápis, palitos de fósforo e outras caixotarias leves. A árvore apresenta aspectos ornamentais, sendo bastante utilizada no paisagismo. Seus frutos são produzidos em grande quantidade e muito procurados por diversas espécies de pássaros.

A rapidez no crescimento faz com que esta planta seja indispensável nos reflorestamentos heterogêneos de áreas degradadas de preservação permanente. A embaúba floresce nos meses de setembro e outubro e a maturação dos frutos ocorre durante os meses de maio e junho.

Para a obtenção de sementes, os frutos devem ser colhidos diretamente da árvore quando estiverem maduros, o que será indicado pela presença de mordidas de pássaros. Em seguida, é preciso deixá-los em repouso por alguns dias para que se inicie a decomposição, o que facilitará a maceração em água. As sementes são separadas filtrando-se a suspensão de frutos e deixando-se o filtrado secar ao sol.

Quanto à produção de mudas, as sementes devem ser colocadas para germinar logo que colhidas em canteiros bem ensolarados contendo substrato argiloso. A emergência ocorre em 25-40 dias e a taxa de germinação é baixa. As mudas devem

ser transplantadas para embalagens individuais quando atingirem aproximadamente 4 cm e, cerca de 3 meses depois, já podem ser plantadas no local definitivo.

2.3.3 - *Mauritia flexuosa* L.f.

O buriti, caradá-guaçu ou palmeira-dos-brejos é uma árvore de 20-30m de altura e tronco de cerca de 35cm de diâmetro. Possui de 20 a 30 folhas, com 3- m de comprimento por 2-3 de largura. Os cachos possuem cerca de 2,5m de comprimento. Essa planta ocorre no Pará, Maranhão, Piauí até São Paulo e Mato Grosso do Sul, invariavelmente em brejos ou áreas permanentemente inundadas. Sua presença notável fez com que várias cidades, parques e ruas levassem seu nome. É uma árvore perenifólia, heliófita e higrófila. Ocorre geralmente em agrupamentos quase homogêneos chamados buritizais e produz anualmente uma grande quantidade de frutos, muito consumidos por várias espécies animais. A madeira, pesada e dura, é empregada para construções rurais e construção de trapiches.

A incisão da inflorescência antes de desabrocharem as flores fornece um líquido adocicado que, fermentado, se transforma no “vinho de buriti”, que pode ser preparado também a partir do mesocarpo do fruto. A polpa do fruto fornece um óleo comestível e é consumida pela população local principalmente na forma de doces. A medula do tronco fornece uma fécula semelhante ao sagu. Além disso, o buriti é ornamental, podendo ser usada na arborização de ruas e parques. O buriti floresce durante quase todo o ano, porém mais intensamente nos meses de dezembro, janeiro, março e abril. A maturação dos frutos é verificada nos meses de dezembro a junho.

Para a obtenção de sementes, os frutos podem ser colhidos diretamente da árvore quando começar a queda espontânea. Se forem recolhidos do chão após a queda, podem ser semeados sem necessidade de despulpá-los. Sua viabilidade em armazenamento é curta. A produção de mudas se dá colocando-se os frutos ou os caroços para germinação logo que colhidos, em canteiros ou em recipientes individuais mantidos em ambiente sombreado, com substrato arenoso rico em matéria orgânica. É preciso cobrir os frutos levemente com esse substrato e irrigar duas ve-

zes ao dia. A emergência ocorre em cerca de 4 meses e a germinação é moderada. O desenvolvimento das mudas é lento, bem como o das plantas no campo.

2.3.4 - *Coroupita guianensis* Aubl.

A planta conhecida popularmente por macacarecua ou abricó-de-macaco tem altura de 8-15m e tronco de, em média, 40cm de diâmetro. As folhas são aglomeradas nas extremidades dos ramos e as flores, muito perfumadas, formam-se em inflorescências que saem diretamente do tronco e dos ramos. Sua ocorrência se dá em toda a região amazônica, em margens inundáveis dos rios. É uma árvore decídua, heliófita e higrófito e de desenvolvimento rápido, que apresenta ampla dispersão, mas em baixa densidade populacional.

Produz anualmente grande quantidade de sementes viáveis. Sua madeira leve e de superfície ligeiramente áspera, pode ser empregada na confecção de brinquedos, raquetes e artefatos leves. Essa madeira apresenta baixa resistência ao ataque de organismos xilófagos. A árvore é excelente para o paisagismo, apesar de seu grande tamanho. O abricó-de-macaco floresce de setembro a março, consistindo em um dos espetáculos mais belos e curiosos da natureza, com o tronco virtualmente enchendo-se de flores. Seus frutos pesados podem vir a causar acidentes na queda e apresentam um odor ruim no apodrecimento. A maturação desses frutos se dá de dezembro a março.

Para a obtenção de sementes, deve-se recolher os frutos do chão logo após sua queda espontânea e despulpá-los manualmente para a retirada da massa mucilagínosa onde estão contidas as sementes, que em seguida devem ser deixadas ao sol para secagem. A viabilidade de armazenamento é superior a 4 meses.

Para a produção de mudas, coloca-se as sementes para germinar logo que colhidas, sem tratamento, em canteiros semi-sombreados ou em recipientes individuais, contendo substrato organo-argiloso. A emergência ocorre em 8-15 dias e a taxa de germinação é normalmente superior a 80%. Quando as mudas alcançarem 6 cm, já podem ser replantadas para embalagens individuais e, a partir dos 5 meses de idade, podem ser plantadas no local definitivo.

2.3.5 - *Euterpe edulis* Mart.

O palmito-juçara, ou simplesmente juçara, é um árvore de 10-20m de altura, com estipe de 10-20cm de diâmetro. As folhas são geralmente em número de 20. Essa árvore ocorre do sul da Bahia e Minas Gerais até o Rio Grande do Sul na floresta pluvial da encosta atlântica e, em Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Paraná, na floresta latifoliada semidecídua da bacia do Paraná.

É uma planta perenifólia, esciófita, mesófito ou levemente higrófito e de desenvolvimento lento. Muitas vezes é dominante no segundo extrato arbóreo da floresta primária. Apresenta distribuição regular em toda a floresta, chegando a ocorrer como pioneira nas planícies quaternárias. Sua madeira leve, dura e resistente é empregada localmente em construções rurais.

O principal produto dessa planta é a cabeça do estipe (palmito), um alimento requintado e saboroso que, preparado em conserva, é largamente consumido no Brasil e no exterior. Por ser uma palmeira esbelta, é ótima para o paisagismo.

O palmito-juçara floresce de setembro a dezembro e a maturação de seus frutos acontece durante todo o outono e inverno. As sementes podem ser obtidas colhendo-se os frutos diretamente da árvore ou no chão após a queda, nesse caso não havendo necessidade de despulpá-los para a semeadura. Para a produção de mudas, deve-se estratificar as sementes, deixando-as imersas em água fria por 24 horas, e depois semeá-las em canteiros sombreados com substrato de serragem ou matéria orgânica. A germinação é superior a 80% e pode demorar de 30 a 70 dias.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

Para a realização desse trabalho fez-se a opção pelas pesquisas bibliográfica e de campo.

A pesquisa bibliográfica foi realizada através da leitura de livros, revistas, jornais, visando compor o embasamento teórico do assunto, seguida de leitura e fichamento das idéias principais.

Em um segundo momento, foi feita uma pesquisa de campo na Escola Mário Quintana, de Pelotas, Rio Grande do Sul, com a finalidade de testar a aceitação, aplicabilidade e repercussão das idéias propostas no programa "Um pé de quê?" do Canal Futura, objeto de análise desse estudo de caso.

3.1 – Definição da Amostra

Os participantes da amostra foram 30 (trinta) estudantes das sétimas e oitavas séries do Ensino Fundamental da Escola Mário Quintana, sendo 15 (quinze) do sexo masculino e 15 (quinze) do sexo feminino, com idades entre 11 e 14 anos, escolhidos aleatoriamente nas salas de aula antes do recreio, com acompanhamento da orientadora escolar.

3.2 – Elaboração dos Instrumentos para Coleta de Dados

Para a realização da pesquisa de campo, a opção foi pela aplicação de um questionário contendo 07 (sete) questões de múltipla escolha (Apêndice A), a ser aplicado após a apresentação do episódio Abricó-de-Macaco (*Coroupita guianensis* Aubl.), exibido no programa "Um pé de quê?". As questões foram baseadas no episódio-

dio a ser apresentado aos discentes, a partir do embasamento teórico presente no trabalho.

3.3 – Coleta de Dados e Tratamento

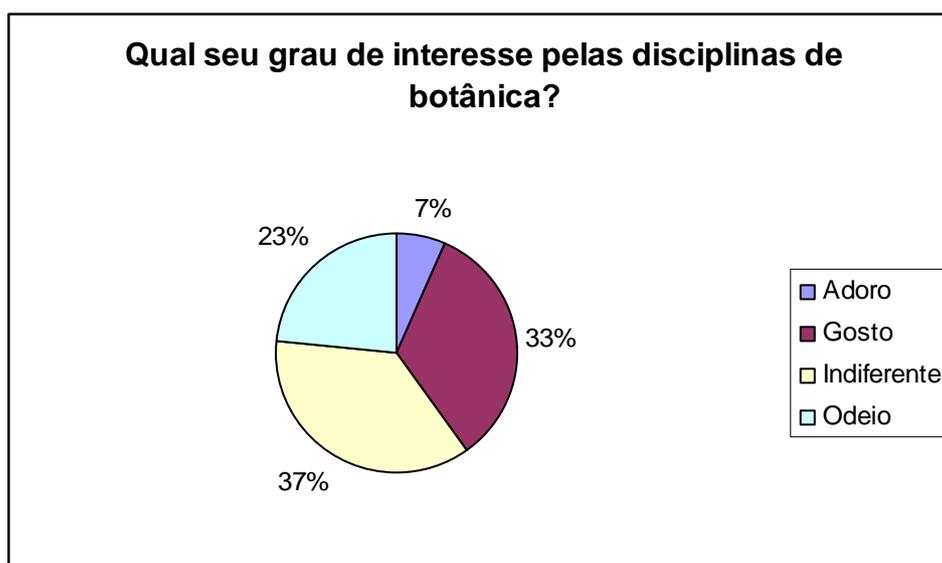
A coleta de dados ocorreu logo após o recreio da escola, quando os alunos participantes da amostra foram encaminhados ao auditório a fim de serem instruídos sobre como se daria o processo de pesquisa.

Após as devidas apresentações, com a supervisão da orientadora escolar, foi exibido o episódio *Abricó-de-Macaco* (*Coroupita guianensis* Aubl.) para os discentes. Após essa etapa, foi entregue a cada um dos estudantes um formulário contendo o questionário a ser preenchido. Decorrido o tempo de 15 minutos, os questionários foram recolhidos devidamente preenchidos por todos os participantes.

Os dados foram tabulados, transformados em gráficos e digitados, para que seja feita a análise dos dados.

3.4 – Análise dos Resultados

Figura 1 – Qual seu grau de interesse pelas disciplinas de botânica?



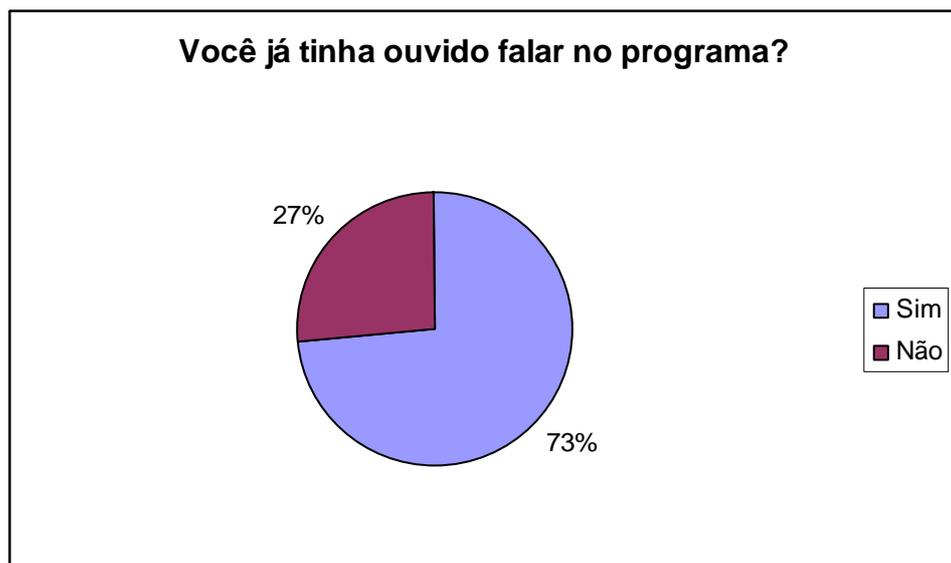
Dos representantes da amostra, 37% se mostram indiferentes quanto ao grau de interesse pela botânica: não gostam nem odeiam. Outros 33% afirmaram

que gostam do tema; 23% disseram que odeiam qualquer coisa relacionada à botânica; 7% adoram o assunto, pois se identificam muito com a área de estudo.

Pelos resultados, pode-se observar que a botânica é uma disciplina que não gera repúdio na maioria dos alunos. Com isso, podemos inferir que um programa que visa abordar temáticas relativas ao reino vegetal será aceito pela população estudantil.

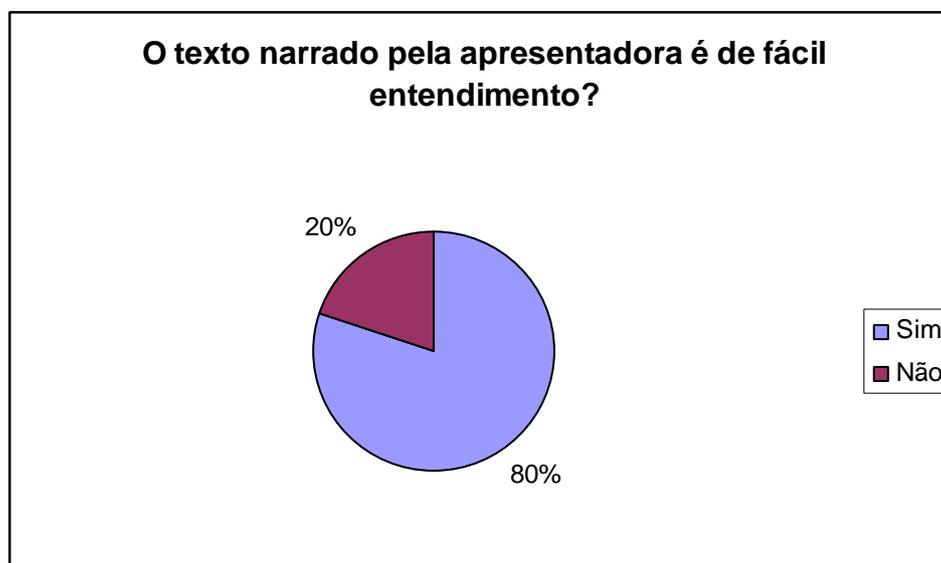
Foi possível perceber pelas respostas obtidas que o assunto interessou aos alunos que ficaram atentos ao episódio exibido, o que demonstra a possibilidade de se utilizar mais a mídia televisiva e seus recursos como via de suporte ao ensino de crianças, adolescentes e, por que não, adultos.

Figura 2 – Você já tinha ouvido falar no programa?



A televisão é eficaz devido à capacidade de articulação, de superposição e de combinação de linguagens diferentes – imagens, falas, música, escrita – com uma narrativa fluida e uma lógica pouco delimitada, como é o caso do programa “Um pé de quê?”, que já era conhecido por 73% dos estudantes. Apenas 27% disseram que não conheciam o programa.

Figura 3 – O texto narrado pela apresentadora é de fácil entendimento?



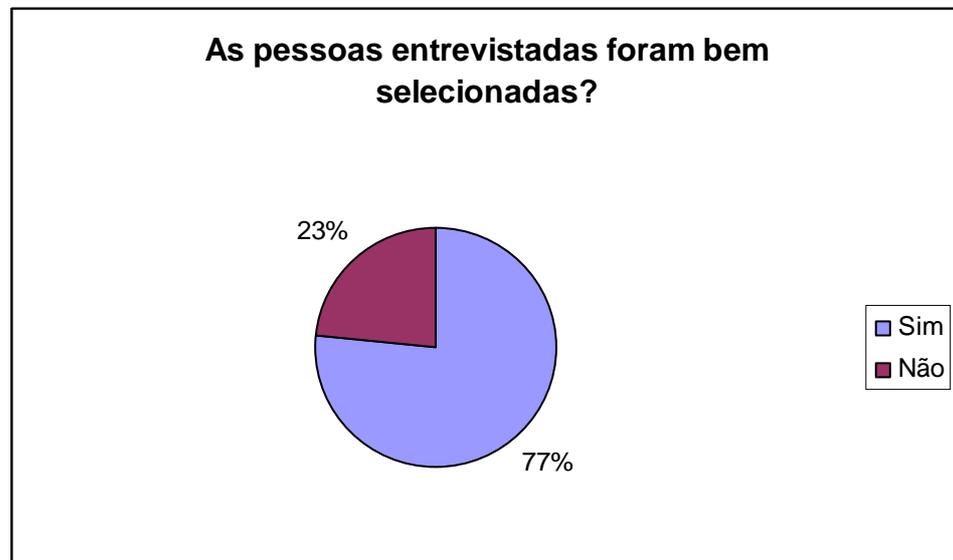
Quando indagados sobre a compreensão que tiveram do programa "Um pé de quê?", 80% dos alunos afirmaram ser fácil de compreender, pois consideraram a linguagem da apresentadora Regina Casé como sendo de fácil entendimento, pois ela fala sobre as plantas de maneira descontraída, como se fosse um bate-papo com o telespectador. Acrescentaram ainda que iriam assistir mais vezes esse programa, para ajudar na aprendizagem da escola.

Os outros 20% responderam não, o que demonstra que consideram o texto narrado de difícil entendimento. Isso pode advir do fato de que algumas pessoas não gostam da área biológica e menos ainda de Botânica.

No conjunto de respostas é possível aferir que a utilização de meios de comunicação de massa para o ensino da Biologia e de outras matérias é sem dúvida um bom instrumento na busca por um ensino aprendizagem de qualidade, pois conta com o poder de atração que esse tipo de mídia tem sobre as pessoas, especialmente crianças e adolescentes.

Adequações seriam necessárias: horários alternativos, maior quantidade de canais produzindo esses programas educativos e o uso da criatividade para apresentação dos temas propostos.

Figura 4 – As pessoas entrevistadas foram bem selecionadas?



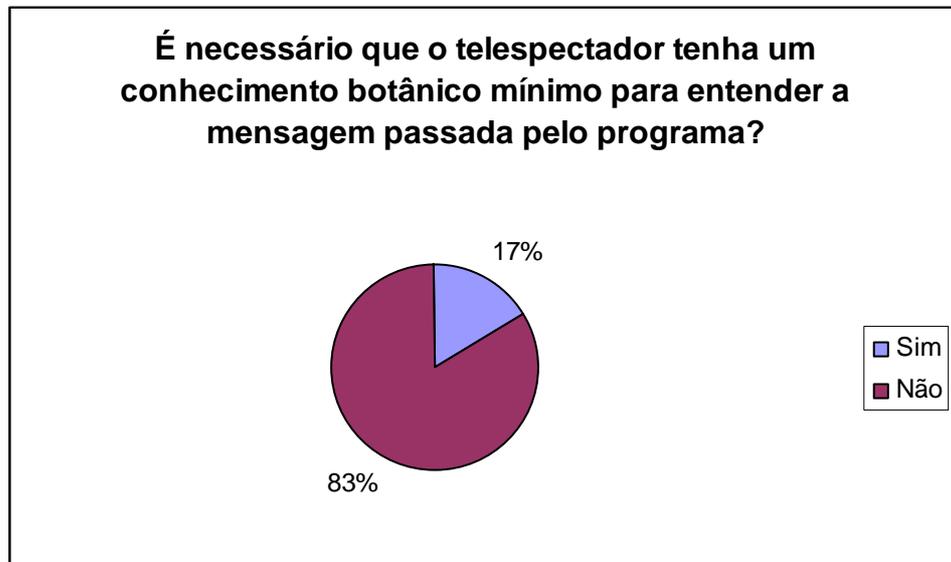
Nessa questão a intenção era investigar se consideravam ou não adequadas, as pessoas escolhidas para serem entrevistadas pela apresentadora, levando em consideração o tema apresentado e o público leigo.

Para 77% dos estudantes, os entrevistados foram bem selecionados: há palavras tanto de especialistas quanto de trabalhadores de outras áreas, que de uma forma ou de outra se relacionam com a planta em questão. Consideram também que esse fato dá mais dinamismo ao programa, uma vez que diferentes linguagens são utilizadas sobre o mesmo tema.

Outros 23% não consideram que as pessoas entrevistadas pela apresentadora foram bem selecionadas, pois deixaram a desejar em suas explicações, não foram claras no que intencionavam expor, partindo do princípio de que o telespectador já sabia algo sobre o assunto.

O resultado, no entanto, evidencia que a linguagem é acessível para a maioria das pessoas, especialmente leigas, que venha a assistir o programa, já que, segundo seus idealizadores, é um dos objetivos da equipe de produção (Anexo B).

Figura 5 – É necessário que o telespectador tenha um conhecimento botânico mínimo para entender a mensagem passada pelo programa?

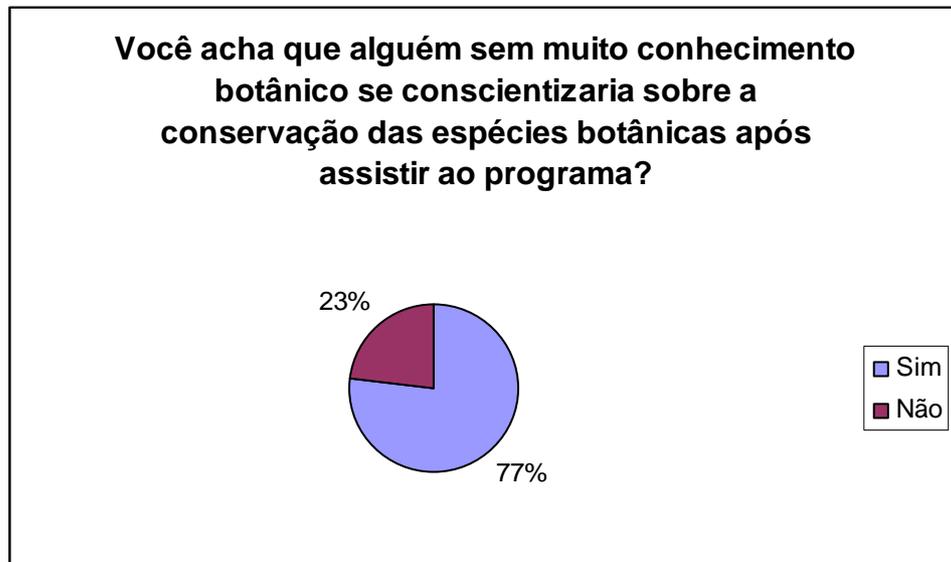


De acordo com 83% dos participantes da pesquisa, não é necessário que o telespectador do programa "Um pé de quê?" tenha um conhecimento botânico para entender a mensagem veiculada, pois consideram que o jogo de imagens, sons e as explicações dadas pela apresentadora e pelos entrevistados, deixam evidente a ideologia do programa.

No entanto, 17% dos adolescentes disseram não ter compreendido bem algumas passagens e por isso, consideram que é preciso ter um conhecimento botânico para dar que os objetivos sejam completamente entendidos.

Os dados demonstram mais uma vez que é preciso mais investimentos em bons programas educativos, atraentes e dinâmicos como "Um pé de quê?", pois o programa apenas didático tende a cair mais sobre a oralidade e resulta em programas que causam mais tédio do que aprendizagem, e ainda reforça o preconceito que algumas pessoas já têm sobre todo programa educativo ser enfadonho.

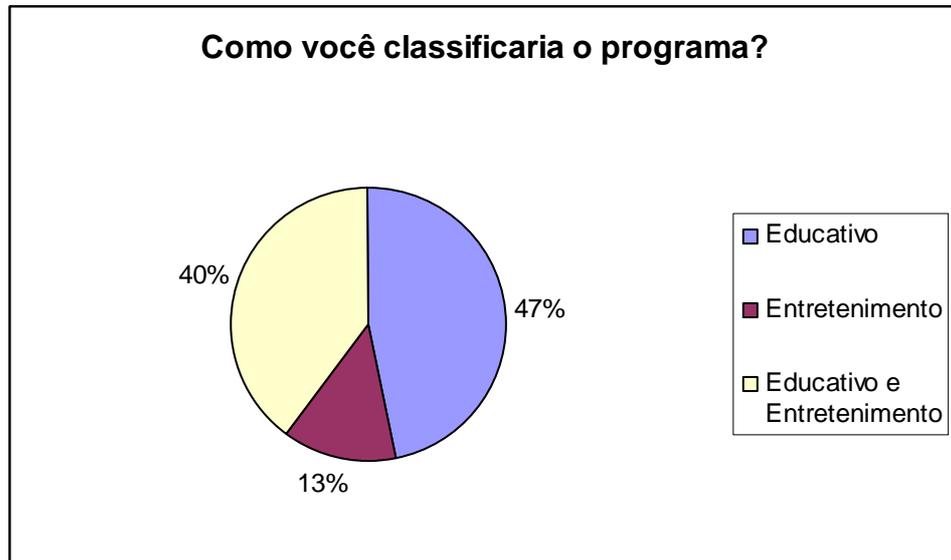
Figura 6 – Você acha que alguém sem muito conhecimento botânico se conscientizaria sobre a conservação das espécies botânicas após assistir ao programa?



Segundo 77% dos alunos que participaram da entrevista via questionário, mesmo um leigo no assunto pode compreender perfeitamente a temática do programa na sua totalidade. Mais do que isso, os estudantes acreditam que essas pessoas – sem conhecimento botânico prévio – podem se conscientizar sobre a conservação das plantas após assistir o programa, devido aos exemplos dados, a clareza como os fatos são dispostos pela apresentadora e, principalmente, a contextualização entre o nome científico e o nome vulgar das espécies apresentadas.

Os outros 23% afirmaram que alguém sem muito conhecimento botânico não teria como se conscientizar sobre a conservação das espécies botânicas após assistir ao programa, pois isso requer, na opinião dos entrevistados, um conhecimento anterior.

Figura 7 – Como você classificaria o programa?



Os dados da pesquisa apontam que 47% dos discentes classificam o programa "Um pé de quê", do canal Futura, como sendo educativo, pois informa sobre o assunto botânica de maneira fácil de ser compreendida, interessante, divertida, o que favorece a aprendizagem do conteúdo.

Para 13% dos representantes da amostra, o programa é apenas mais um de entretenimento, e não educativo. A televisão não consegue informar, apenas entreter.

Os 40% restantes consideram que além de ser educativo, o "Um pé de quê?" também é um programa de entretenimento, visto que ensina sobre a botânica de uma forma clara e divertida, que prende a atenção do telespectador.

CAPÍTULO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo de caso teve por objetivo analisar a relevância da mídia televisiva como instrumento de ensino e reflexão, através de programas educativos que tenham linguagem acessível e sejam interessantes a crianças e adolescentes, tendo por amostra alunos da Escola Mario Quintana, em Pelotas, Rio Grande do Sul.

Pesquisas do Ministério da Ciência & Tecnologia, em 1987 e 2007, revelaram que a ciência desfruta de grande consideração e respeito junto à população brasileira e que esta demonstra grande interesse por assuntos científicos. Apesar disso, um número significativo de brasileiros ainda desconhece os avanços científicos importantes para o desenvolvimento econômico do país. Daí resulta a necessidade da divulgação da cultura científica à população, permitindo uma ampliação do repertório cultural.

A divulgação científica é um fenômeno de educação permanente, atuando paralelamente à escola como educação informal. Porém, a qualidade e a quantidade da veiculação da ciência são criticadas pelos cientistas.

A televisão – nossa principal fonte de informação sobre o mundo – muitas vezes busca espetacularizar a ciência no intuito de vendê-la. Além disso, o material produzido por especialistas em ciência tende a ser confinado em horários ingratos, fazendo com que se perca a conexão com a realidade e os interesses do cotidiano do público.

O fato é que a efetividade da divulgação científica depende de um trabalho integrado entre cientistas e jornalistas que considere não só o conteúdo como sua forma de transmissão.

O programa “Um pé de quê?”, ao abordar questões relativas ao segmento botânico da ciência, atende às reivindicações dos cientistas: não tem sentido sensacionalista, é veiculado em bons horários e é acessível para a maioria da população, de modo que crianças e jovens possam ser educados ao mesmo tempo em que são entretidos, devido à linguagem coloquial e ao forte apelo visual.

As Ciências Naturais fornecem ao estudante um conhecimento maior sobre a vida e sobre sua condição singular na natureza, para que o aluno se posicione acerca de questões polêmicas. Dentro da botânica, há vários assuntos que podem ser explorados: biodiversidade - já que o Brasil é o país de maior diversidade vegetal do planeta -, biopirataria, árvores em extinção e plantas medicinais, por exemplo.

O programa deixa claro seu papel social de compromisso com a natureza, constituindo-se de um rico material educativo-ambiental de conservação e consciência ecológica. Os processos educacionais convencionais e formais como a escola, poderiam integrá-lo para que a educação seja completa, rica e estimulante. A apresentação do programa nas escolas, como modo alternativo de educar, contribuiria para a qualidade do ensino e para a formação de cidadãos mais capazes de conservar o planeta.

REFERÊNCIAS

- ALCORN, J. B. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. In: SCHULTES, R. E. & REIS, S. V. (Ed.). **Ethnobotany: evolution of a discipline**. Portland: Dioscorides Press, 1995. p.23-39.
- APG II – ANGIOSPERM PHYLOGENY GROUP. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG II. **Botanical Journal of the Linnean Society**, n. 141, p.399-436, 2003.
- BACCEGA, M. A. Comunicação/Educação: aproximações. In: Eugênio Bucci. (Org.). **A TV aos 50. Criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário**. São Paulo (SP). Ed. Perseu Abramo, 2000, p.95-110.
- BRASIL. MCT. **O que o brasileiro pensa da ciência e da tecnologia?** Relatório de Pesquisa. Instituto Gallup, 1987.
- BRASIL. MCT. **Percepção pública da ciência e tecnologia, 2007**. Disponível em <<http://www.mct.gov.br/index.php/content/view/50875.html>> Acesso em: 2 nov. 2008.
- BRASIL. MMA. **Agenda 21 Brasileira – Bases para Discussão**. 2000.
- BRASIL. MMA. **Lista oficial traz 472 espécies da flora brasileira ameaçadas de extinção**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/ascom/ultimas/index.cfm?id=4370>> Acesso em: 5 out. 2008.
- CANAL FUTURA. Disponível em: <<http://www.futura.org.br>> Acesso em: 29 out. 2008.
- DUARTE, R.; LEITE, C.; MIGLIORA, R. Crianças e televisão: o que elas pensam sobre o que aprendem com a tevê. **Revista Brasileira de Educação**, v.11, n.33, p.497-564, set./dez. 2006.
- FISCHER, R. M.. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, v.28, n.1, p.-151-162, jan./jun. 2002.
- FRANCISCON, P. A Educação está no ar. In: **Educação**. São Paulo, Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino no Estado de São Paulo, n.200, p.22-24, dez. 1997.
- LORENZI, H. **Árvores Brasileiras: Manual de Identificação e Cultivo de Plantas Arbóreas Nativas do Brasil – v.01**. Nova Odessa (SP): Editora Plantarum, 1992. 352p.
- LORENZI, H. **Árvores Brasileiras: Manual de Identificação e Cultivo de Plantas Arbóreas Nativas do Brasil – v.02**. Nova Odessa (SP): Editora Plantarum, 1992. 352p.
- MICROSOFT, **Encarta**. Enciclopédia em português, 2001. CD-ROM.
- MING, L. C. **Levantamento de plantas medicinais na reserva Extrativista “Chico Mendes”, Acre**. Tese de Doutorado. Botucatu: UNESP, 1995,180p.

OROZCO, G. Teleaudiência: Premissas para uma Pedagogia. **Revista Comunicação e Educação (CCA-ECA-USP)**. São Paulo (SP), Ed. Segmento, Ano VI, n.18, p.62-67, mai./set. 2000.

PÁGINA 20. 'Um pé de quê?' fala de árvores amazônicas. Disponível em: <http://www.pagina20.com.br/23052004/c_0723052004.htm>. Acesso em: 18 nov. 2008.

POLITTO, P.; TOMAZELLO, M.; TAKASHIBA, E. Contribuição ao conhecimento do *status* de conservação das espécies do gênero *Cróton* L. (Euphorbiaceae) no Brasil. **Revista Brasileira de Conservação da Natureza**, v.2, n.1, p.-42-49, abr. 2004.

POSEY, D. A. Introdução. Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, B. G. (Coord.). **Suma etnológica brasileira**. Petrópolis: Vozes, v.1, 1987, p.15-25.

PRANCE, G. T. Ethnobotany Today and in the Future. In: SCHULTES et. Al. (Eds.) **ETHNOBOTANY: Evolution of a Discipline**. New York. Chapman & Hall, p. 60-67. 1995.

RIZZINI, C.; MORS, W. **Botânica Econômica Brasileira**. 2.ed. Rio de Janeiro (RJ): âmbito Cultural Edições Ltda, 1995. 241p.

SOUSA, C.; FERNANDES, F. .Mídia e Meio Ambiente: limites e possibilidades. Disponível em: <<http://www.unitau.br/scripts/prpppg/humanas/download/midiaemeioambiente-N2-2002.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2008.

APÊNDICE – Questionário de opinião**Sobre o programa “Um pé de quê?”
Questionário**

- 1) Qual seu grau de interesse pelas disciplinas de botânica?
 - a) Adoro
 - b) Gosto
 - c) Indiferente
 - d) Odeio

- 2) Você já tinha ouvido falar no programa?
 - a) Sim
 - b) Não

- 3) O texto e as palavras narradas pela apresentadora Regina Casé são de fácil entendimento?
 - a) Sim
 - b) Não

- 4) As pessoas entrevistadas foram bem selecionadas para melhor compreensão da temática do programa?
 - a) Sim
 - b) Não

- 5) Em sua opinião, é necessário que o telespectador já tenha conhecimentos de botânica para entender o programa?
 - a) Sim
 - b) Não

- 6) Você acha que alguém que não sabe muito sobre botânica se conscientizaria sobre a conservação das plantas após assistir ao programa?
 - a) Sim
 - b) Não

- 7) Como você classificaria o programa Um Pé de Quê?
 - A) Educativo
 - B) Entretenimento
 - C) Educativo e Entretenimento

ANEXO A – Logo do programa “Um pé de quê?”



ANEXO B – Entrevista de Regina Casé para O ECO – www.oeco.com.br

Manoel Francisco Brito, Carolina Elia, Lorenzo Aldé, Andréia Fanzeres, Ana Antunes

02/09/2005, 13:21

Foto: Manoel Francisco Brito



Há mais de dez anos, Regina Casé tem o privilégio de rodar o Brasil inteiro gravando seus programas. À frente do *Um Pé de Quê?*, no Canal Futura, ela aliou o conhecido talento para a garimpagem de gente excepcional com a admiração pelas árvores. Já foram 100 episódios que revelam como a natureza se faz presente na história das pessoas, mesmo que elas não tenham consciência disso. Contra essa ignorância, mãe da devastação, Regina assume seu lado prefeita: fala com todo mundo, toma providências, cobra soluções, conclama a responsabilidade de cada um por tudo o que está em sua volta. Ações que num militante ambientalista seriam sinônimos de ecochatura, vindas dela viram irresistíveis, graças ao seu inteligente e charmosíssimo bom humor. Em longo e divertido bate-papo com **O Eco**, a atriz fala de viagens, árvores, água e vida urbana. Sobretudo, fala de gente. Que, a princípio, é boa gente. Só precisa de “óculos” para entender melhor como funcionam as coisas.

Como é que surgiu a idéia do *Um Pé de Quê?*

Começou por causa da Benedita, minha filha. Eu fazia o Brasil Legal e o Programa Legal e a gente viajava o tempo todo. Todo mundo diz que o ser humano passa um terço de sua vida dormindo, a gente falava que passava um terço da vida na van. Eram deslocamentos muito grandes e a benedita era pequena e ficava de saco cheio de ficar no carro. Aí você começa falando

“Olha o boi!”, “Olha a vaca!”, mas não varia muito: boi, vaca, no máximo um cavalo. Aí eu comecei a dizer: “Ta vendo aquilo ali? É dali que vem a banana”, “Olha a bananeira”, “Olha a mangueira”. E ela começou a perguntar mais. E eu não tinha certeza. Até conhecia mais ou menos porque morei nos anos 80 e 90 aqui na Gávea, em frente ao Jardim Botânico. Fui ao Jardim Botânico quase todo dia durante 15, 20 anos. Também tinha o hábito de ler, de perguntar, sempre pegava pra conversar alguém que tinha mais paciência, pessoas geniais do Jardim Botânico, todas elas também estão na gênese do *Um Pé de Quê?*. Como a doutora Graziela Barroso, que era uma botânica que formou muita gente. Mas a Benedita perguntava e às vezes eu falava errado: “Acho que é uma amendoeira”, e ela falava “Não, olha só, a folha não é redonda”. Ela ia reparando umas coisas. Eu chegava em casa e olhava. Comprei o livro do Harri Lorenzi e depois outros. Comecei assim...

Estamos falando de que ano?

Regina - De 1993, 1994. O *Um Pé de Quê?* é de 2000. Quer dizer, fui me preparando durante os anos 90, fui gostando disso. E envolvi a equipe dos meus programas. Volta e meia você chega numa cidade onde já estive mil vezes, tipo Belo Horizonte, e que tem umas árvores que não te dizem nada. Mas um dia você chega na época da floração de sibipirunas, e a cidade inteira está amarela. Algumas árvores têm a ver com determinadas cidades. Em Porto Alegre tem uma história que eu acho linda. Todo ano, de setembro para outubro, tem a Feira do Livro, que é um acontecimento importante para os gaúchos, o pessoal lá gosta de se dizer super intelectual. A praça onde acontece a Feira tem muito jacarandá mimoso, que tem aquela florzinha roxa, quase azul, é uma árvore muito bonita. As pessoas se sentam, abrem os livros na praça para ler, e é uma lembrança de todo intelectual gaúcho que o livro fica cheio de florzinha azul e de florzinha roxa, porque coincide com a época do jacarandá mimoso. As histórias das cidades que a gente chegava com o programa também eram muito ligadas às árvores. Virou meio que uma sabatina com a equipe: eu perguntava “Que árvore é essa?”. Uma sibipiruna, por

exemplo, que eu já tinha ensinado em outro lugar. Se eles erravam tinham que pagar uma prenda.

No início nem todos deviam se interessar muito...

Regina - A equipe inteira não tinha nenhum interesse. Achavam chato no começo. Mas a partir do momento que você sabe um pouquinho, já fica empolgado quando reconhece uma árvore. É aquele exemplo clássico que a gente usava para explicar o *Um Pé de Quê?*: se você não conhece nenhuma árvore, olha em volta e é tudo um borrão. Tipo o Miguilim [personagem de Guimarães Rosa]. Você põe os óculos e começa a ver a árvore. Aí você vai acertando os óculos, começa a ver as folhas, depois as pequenas diferenças entre aquelas folhas. Numa mata que você olha assim, qualquer encosta, a primeira coisa que reconhece são as embaúbas, aquela fácil, a copa cinza, subindo para Petrópolis qualquer criança vê. Aí você vai reconhecendo outra, outra, outra, daqui, dali, e vai te dando um foco e parece que a sua vida inteira entrou em foco. Você era míope e não sabia. Aquilo vai dando uma coisa... A equipe toda começou a ter essa sensação. Ainda não existia o programa, ainda era o *Brasil legal*.

E a Benedita, que idade tinha?

Regina – Ela tinha uns 4 anos. Foi uma idade em que eu cuidei de duas coisas: ela aprender todas as árvores e resolver que ia ser botafoguense. Foram duas coisas que me deram muito trabalho. Ela ia comigo de carrinho, todo dia, para o Jardim Botânico. E isso virou uma brincadeira mesmo, era o tempo todo adivinhar as árvores. As que eu não sabia, tinha que achar em casa. Chegamos a fazer vários álbuns, como se fossem álbuns de figurinha, em que a Benedita colava as folhas e escrevia o nome da planta. Para uma garota de 4 anos, ela conhecia um monte de árvores. E a gente sempre achou linda aquela

casa amarela grande, onde foi o Ministério da Agricultura e hoje fica a presidência do Jardim Botânico. Eu sempre imaginava como seria maravilhoso fazer uma festa de criança lá. E não podia, era proibidíssimo. Mas aconteceu o seguinte, eu fui lá para resolver uma coisa, porque sempre fui meio prefeita descalça do Jardim Botânico, e na época o presidente era o professor Vanderbilt [*Duarte de Barros*], que ficou um tempão, era um velhinho. A Benedita entrou na sala dele, aqueles móveis antigões, de jacarandá escuro, e aí olhou em cima da mesa, onde tinha um fruto partido. Ela olhou para mim e falou “Mãe, olha a metade de uma munguba”. A munguba não é um fruto manjado, é aquele que parece um cacau, tem na rua Jardim Botânico toda e em frente ao Fórum Ipanema. Dá uma flor cheirosa que parece uma explosão. É a *Pachira aquatica*, mas chamam de munguba. Então a Benedita disse “Olha a metade de uma munguba” e o cara né, velhinho, imagina... deu uma biblioteca de Botânica para ela, mandava livros todo dia. E falou: “Você vai fazer o seu aniversário aqui no Jardim Botânico”.

A festa foi naquela casa?

Regina – Foi. Uma festa maravilhosa, a gente fez tudo enfeitado com flores e frutos e folhas. O brinde eram aquelas folhas que caem secas da palmeira e ficam iguais a um cavalinho, sabe? A gente botou uma rédea em cada um e todas as crianças ganharam. Foi daí que nasceu o *Um Pé de Quê?*, exatamente disso. A Lucia Araújo e o Hugo Barreto me chamaram um dia no Canal Futura para conversar. Queriam que eu fizesse um programa de auditório com adolescentes, bem nos moldes do Serginho Groisman, com temas difíceis de serem abordados, tipo drogas ou sei lá, masturbação, aborto, qualquer coisa assim. Eu não fiquei muito tentada a fazer. Disse não, e assim como todos os programas que fiz na minha vida, *Brasil legal*, *Programa legal*, sem nunca ter pensado naquele assunto, eu disse: “Não, mas eu tenho um programa ótimo. A gente podia fazer um programa de identificação de árvores brasileiras”. Porque nessas viagens, quando tinha uma árvore que eu não conhecia, só aqui no Rio eu descobria qual era. Eu perguntava para todo

mundo no lugar. E achava que o cara da roça ia saber o nome da árvore, né? Perguntava: “Isso aqui é um pé de quê?”. Ele falava assim: “Ah, isso aí é um... ‘tiririm’”. Mas era tudo caô, entendeu? O cara chutava. E como a gente não sabe, acaba levando a sério. Depois, quando eu ia checar, via que era tudo meio errado. Também tem nomes populares que vão mudando regionalmente. Só dois tipos de pessoa sabiam todos os nomes das árvores. Ou era um madeireiro, que tinha cortado tudo naquela região, ou uma mãe de santo ou um pai de santo.

Por que mãe de santo ou pai de santo?

Regina - Incrível, porque eles mantêm uma roça e precisam das plantas para as oferendas.

Então aquilo tem uma ciência, o cara não coloca a oferenda no pé de qualquer árvore?

Regina - Não só ele coloca no pé de árvores específicas, como rende homenagens às árvores. Existem muitas árvores sagradas que atendem a diferentes tipos de coisas que você precisa. E quase todos os trabalhos são feitos com folha, se não tiver folha não tem orixá. O Pierre Verger tem um livro chamado *Ewé* [*“Ewé: o uso das plantas na sociedade ioruba”*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995], que eu recomendo enfaticamente ao navegantes. É um livro lindíssimo, onde ele explica todas as plantas do candomblé e o uso de cada planta para cada trabalho. Quando você chega num lugar que ainda tem candomblé, que ainda não tem a Igreja Universal, as pessoas ligadas àquilo andam no mato e quando acham uma folhinha que já não é vista há muito tempo ficam felicíssimas, pra elas é super importante. Então só tinha essas duas opções, o madeireiro e o cara do candomblé, ninguém mais sabia nada.

Foi o que você explicou para a Futura.

Regina – Foi, mas eles se preocuparam de botânica ser um assunto chato. “Poucas pessoas se interessam, é muito específico, não combina com o horário que a gente está precisando” e tal.

Como você convenceu eles?

Regina - Eu disse que não precisava ser só botânica. Cada árvore que me vem à cabeça, só vem porque me lembra de alguma coisa que aconteceu na minha vida, de alguma utilidade que tem para alguém, de uma cidade que eu fui, de uma viagem que eu fiz. Você nunca lembra da árvore sozinha. Não sou uma enciclopédia que fica lembrando árvores com nomes. Tudo vem *linkado* com alguma coisa. Se a gente abrir esses links... por exemplo: juazeiro. Evidente que você lembra do Luiz Gonzaga. Você pensa no juazeiro e ouve uma sanfona. Cada árvore naturalmente oferece um assunto.

A Futura banca as viagens pelo Brasil?

Regina – Até o ano passado, bancou. Mas as viagens são muito caras e longas, chegou uma hora que a Futura não tinha grana para a equipe ficar um tempão na Amazônia, por exemplo. Eles começaram a procurar parceiros, e no ano passado foi o Banco da Amazônia, por isso fizemos só com árvores da região. Este ano foi a Fundação S.O.S. Mata Atlântica, que estava achando meio fraca a comunicação deles com as pessoas comuns, que não entendem de preservação.

E olha que a Mata Atlântica é a mais popular de todas.

Regina - Exatamente por isso. Eles acham que porque a Mata Atlântica é praticamente urbana hoje em dia, e porque está muito perto da gente, tem uma vantagem porque você está vendo, não é uma coisa abstrata, mas ao mesmo tempo o grau de ameaça é muito maior. E também as pessoas não têm noção. Quando vêem uma restinga, não acham que aquilo é Mata Atlântica. Acabamos de fazer um programa sobre a *Eugenia marambaiensis*, que ainda nem está estudada. Quem está descrevendo ela é o Marcelo Costa, um menino muito legal do Jardim Botânico. Tem uns 20 e poucos anos, é um gatinho que pega onda na Marambaia e que também é botânico. Fui para a Marambaia com ele, fomos no mato e, claro que o lugar é lindo, mas você olha aquele cacto todo embrulhado com aquele monte de bromélia, orquídea, mas tudo embolado com muito espinho, se o cara vai fazer uma casa na praia, não tem nem dó de passar o facão e tirar tudo, uma pessoa ignorante. Não é como cortar um jequitibá, uma árvore frondosa. Aquilo ali parece já um lixo. Lindíssimo para quem conhece, e vai perceber as orquídeas, as bromélias. Mas olhando de longe é horrível, agressivo...

O programa mudou sua relação com o meio ambiente?

Regina - Ah, mudou. Mudou totalmente. É o problema da ignorância, que se estende a qualquer área. Eu não tinha a menor idéia. Não sabia, por exemplo, da ligação dos bichos com a flora. Agora começamos a estudar árvores dependem diretamente de algum animal. Por exemplo, tem várias figueiras que, se não tiver uma vespa x, não se reproduzem. Não existe outro inseto possível nem outra solução para aquilo. Se não tiver aquela vespa, não tem aquela árvore. Outro exemplo é a cutia. A cutia tem um papel incrível em bilhões de árvores. Aquele bicho que parece idiota é importantíssimo na minha

vida. Ela come sementes e precisa enterrar o que não come, e assim vai plantando. Pega aquela semente aqui, leva para outro lugar, enterra um pouquinho mais longe. Eu tô dando o exemplo de dois bichos, mas tem zilhões o tempo todo fazendo isso. Não é só a polinização, é plantando mesmo, e o caminhar dos bichos para chegar no rio, o molhadinho que fica, o cocô que cai, tudo, enfim. Uma floresta saudável, grande, se você tirar todos os animais ela só dura dois anos. Acaba, zruf, acabou. Eu não tinha idéia de que era tão assim.

Quando é que você se deu conta da degradação ambiental que o país enfrenta?

Regina - A primeira impressão errada que eu tinha era de que foram os portugueses, os ingleses, os franceses que ferraram o Brasil em termos de recursos naturais. Mas se você vai, por exemplo, para o sul e vê o que uma madeireira destruiu nos anos 70, nos anos 80, quando eu era grande e a gente já ouvia a palavra ecologia, foram coisas devastadoras, gigantes. O primeiro susto que eu levei foi este. Ver que foi tão recente, que o pior aconteceu tão para cá.

Teve alguma experiência em que isso se concretizou pra você?

Regina - A gente foi fazer o programa da imbuia e uns outros programas no sul, Santa Catarina. O sul para mim é um lugar muito rico. Eu não acreditava que em Santa Catarina tinha um bolsão de miséria, de favela, de pobreza no pior grau possível. E de pobreza recente. Porque o que a gente conhece mesmo de pobreza, a maior injustiça social no Brasil, é o que foi feito com os negros que vieram da África, um problema que dá em tudo, nas favelas e nas pessoas que vieram do Nordeste para trabalhar nas cidades.

Mas pobre branco de olho azul é diferente.

Regina - É, pobre branco de olho azul, e culturalmente recente. Lá você vê uma comunidade que já tinha sido próspera no século XX, que funcionava bem e tinha mil tradições, culturalmente sólida, e está virando miserável. Eles não têm nem know-how de favela, como aqui no Rio. As favelas do Rio são tradicionais, fazem parte da história da cidade. Em Santa Catarina, não. Ali existia uma comunidade, depois eles passaram a viver da madeira, daquela madeireira que fez tudo, milhões de fábricas, transporte. Tudo para cortar a imbuia, uma árvore que tem o crescimento mais lento de todas. Para ser cortada, uma imbuia tem que ter uns mil anos. Os americanos que foram lá para explorar essa madeira ficaram o tempo que durou aquela floresta. Quando a floresta acaba, eles vão embora abruptamente, e deixam para trás, sem nada, as pessoas de lá, que já tinham uma cultura e viviam bem.

É o que acontece na Amazônia. O cara devasta e deixa um rastro de pobreza.

Regina – Mas, sem querer ser boba e otimista demais, também tem uma coisa que me impressiona. É como projetos não muito grandes, nem de uma mega-ong, com um pouquinho de trabalho já repercutem tanto. No Acre, no Amazonas, às vezes eu vejo aquelas pessoinhas naquela imensidão, trabalhando e conseguindo resultados. Eu sempre pensava assim: se eu fizer uma coisa agora, só os meus tataranetos vão usufruir. E não é. A natureza também tem respondido muito bem. É claro que tem outras coisas que são irreversíveis e trágicas. Mas muitos projetos têm uma velocidade que eu não imaginava que era possível. Isso é muito legal e muito animador. Eu acabei de fazer um programa sobre guanandi, uma árvore da mata atlântica que os índios plantaram ao longo de um rio em Corumbau, na Bahia. Ela puxa muita água, e foi trazendo água de tudo que é canto e criando condições para o rio voltar. Um rio que era absolutamente seco voltou ao nível de antes.

Tem alguma coisa em que você seja ambientalmente incorreta?

Regina - Meu maior problema é com água. Atualmente estou fazendo uma educação diária na minha casa. Comigo e com o porteiro. Porque eu sempre brinco, meu porteiro é do Piauí, de uma região muito seca, o Paulo. Eu falo: “Claro, né, Paulo, tu nunca viu água, agora quer ficar vendo o dia inteiro”. Fica com a mangueira aberta e aquilo para ele é um milagre. É igual você ficar vendo deus o dia inteiro. O cara quer ficar ali molhando a calçada. No Brasil as pessoas varrem a rua e a calçada com água. Aí eu vou, converso com cada porteiro, ando a praia inteira. É igual passarinho na gaiola. Passarinho na gaiola com porteiro, eu perdô. O quarto do porteiro é muito pior do que a gaiola do passarinho. Ele mora dentro da garagem, cheio de monóxido, sem janela, num lugar horrível. Ele morava num lugar lindo e tem uma puta nostalgia, aquele passarinho é importante para ele culturalmente. É por isso que eu falo: passarinho na gaiola pra porteiro eu libero. Mas essa quantidade de água não tem condição. Água não é vassoura. Eu acho que a campanha boa era essa: “Água não é vassoura”. Mas eu tenho dificuldade, eu vejo como as crianças... O Hermano Viana me contou uma história ótima. Ele estava escovando os dentes e uma sobrinha dele entrou e a torneira estava aberta. A menina deu um grito apavorado, “O que é isso?!”. Ele não conseguia entender o que era, se tinha uma barata... “Vai acabar a água toda do mundo!”, deu gritos com ele, brigou, ele levou um puta susto. Eu não tive nenhuma educação ambiental para água. Eu mesma levo susto com o tempo do banho, me pego escovando o dente e vou falar alguma coisa com alguém e a torneira ficou aberta e tal. Então eu acho que o mais grave, não só para mim como também para o mundo, o mais grave é a água. Em termos de educação, se tivesse que escolher um foco seria a água. Junto com a água vem tudo. Pra ter a água tem que ter floresta e para ter floresta tem que ter bicho.

Esse negócio de conversar com o porteiro, você é sempre assim “prefeita”?

Regina - Eu sou... mas isso eu sempre fui. As pessoas perguntam se não é

esquisito eu andar na rua e todo mundo me conhecer pelo nome, chamar. Mas era igualzinho quando eu tinha 5 anos, 6 anos. Na feira, em qualquer lugar que eu ia, as pessoas falavam “E aí, Regina”. Porque eu conversava até com poste. E eu acho que esse é o caminho. Você tem que tomar conta de tudo. Você sai do cinema Leblon e vê vários garotos do Teresiano ou da Escola Parque ou do Santo Agostinho. Os pequenininhos, bonitinhos, branquinhos. Se eles estivessem ali na porta do cinema cheirando cola, como tem todo dia garotos na porta, da mesma idade, você ia ter que tomar uma providência imediata. Imagina, mesmo que não fosse seu filho. Você vê o garoto com uniforme do Santo Agostinho cheirando cola, ia chamar alguém, dar um telefonema, qualquer coisa. Mas com aqueles meninos que cheiram cola na porta do cinema Leblon a gente não toma uma providência. Eu falo com Conselho Tutelar a cada coisa dessas. Não que tenha um resultado muito grande, mas tem que ter essa responsabilidade. Não importa se o cara é seu filho ou não, se ali é a sua casa ou já é a do vizinho, se é a rua. Aquilo que está no seu raio de visão é seu, você tem responsabilidade. Não é nem social, você tem responsabilidade humana. Daí vem esse negócio de prefeitinha...

Sua rua deve ser impecável.

Regina – Pois é, em 1986 eu fui morar na Gávea, no final da rua Major Rubens Vaz, ali na entrada do Jardim Botânico. A rua do lado tinha duas caçambas daquelas da Comlurb [*Companhia de Limpeza Urbana do Rio*], que vai juntando lixo. Não era de entulho, era de lixo mesmo, que antigamente tinha. Aí vinha o caminhão de noite e encaixava a bunda ali, sabe como é que é, né? Eu estava dormindo e o caminhão vinha e, além de fazer Rôôôô, Rôôôô, às 4, como ele era meio velho ele batia de bunda no muro do TRE, tinha um buraco enorme, até encaixar. Dava uma ré e batia, Bou! Até prender aquilo. E a quantidade de rato? Aquilo não tinha calçada, os ônibus entravam na Praça do Jóquei por dentro, loucos, alucinados, tinham afundado o asfalto. Quando fui morar ali eu pensei, o que é que eu vou fazer? Vou ficar todo dia reclamando? Primeiro reclamei normal, fui à Prefeitura, falei ó, aqui tá sem calçamento. Fui

na Comlurb e falei ó, isso além de juntar ratos os caras chegam às 4 da manhã e quebram o negócio.

Você não era a atual Regina, não estava em televisão.

Regina - Ótima lembrança, porque todo mundo diz que eu consigo as coisas porque sou conhecida. Não, é porque eu tenho saco de ficar indo lá. Eu estava na televisão bem pouquinho, fazia *Sítio do Picapau Amarelo*. Aí eu fui na Fundação Parques e Jardins, e o diretor se chamava doutor Primavera. Parecia até coisa do Walt Disney. Era um velhinho e tinha aquela plaquinha escrito assim: "Doutor Primavera". Fui a cada órgão competente para resolver aqueles problemas. E não aconteceu nada. Demorou um ano, dois anos, nada. Aí eu comecei a fazer as coisas. Primeiro plantei, mas eram árvores que tinham flor e eles falaram que o gabarito não permitia. Tiraram todas. "Aqui tem que ser oiti ou munguba, porque é da cota do Jardim Botânico". Aí plantei os oitis, que você vai ver como estão enormes. Plantei toda aquela rua e plantei aquelas mungubas da rua Jardim Botânico. Calcei a rua, tirei as duas coisas da Comlurb, consertamos o muro do TRE, fizemos uma ilhota de pedra portuguesa para o ônibus passar por fora.

Como prefeita, o que você gostaria de fazer no Rio?

Regina - Como sonho... a Baía de Guanabara. Eu queria me ver boiando na Baía de Guanabara, sabe? Na água limpa. Água suja pra mim impacta mais do que desmatamento. Quando vou gravar na Ilha Fiscal, por exemplo, e a água fica batendo ali, o cheiro que vem da água, e quando você vê a viscosidade e a quantidade daquela praga de pet, saco plástico. E quando vem uma onda maior joga aquelas coisas de volta. Parece que o mar está vomitando aquele lixo todo, aquela nojeira. Eu fui a vida inteira para a Bahia de carro. Você passava pelo Espírito Santo, sul da Bahia, era lindo, e hoje em dia é um

deserto. Cortaram a madeira toda. É horrível. Mas aquilo não me dá um negócio tão... eu não me sinto tão mal quanto com água suja.

Você mora em frente à praia. A praia hoje te choca?

Regina – Muito. Nunca pensei que em uma geração eu ia ter que dizer para a Benedita “Não entra na água”. Isso para mim é inconcebível. Mas isso, como já tem uns 20 anos, a gente vai criando mecanismos. Eu já olho a correnteza, se está jogando do Arpoador para o Leblon, tá ótimo para você cair na água. Se está jogando do Vidigal e pro Leblon, aí tá terrível. Não tem tratamento nenhum, aí tá muito sujo. Vejo vários fatores, há quantos dias não chove, anoto no papel todas essas coisas. Choveu, esquece, não vai nem na areia.

E as crianças se acostumam com isso, naturalizam, perdem a noção de que já foi diferente.

Regina – Isso é um problema. Tem que ter total conscientização de que aquilo não é normal e de que é possível recuperar o que era antes. Porque pode, na praia com certeza pode, então isso tem que ser ensinado. Eu fui adolescente e jovencinha na época da ditadura. O que eu ouvia o dia inteiro era que não dava pra fazer nada. Se eu tivesse acreditado que não dava pra fazer nada, não teria feito o Asdrúbal, não teria feito nada do que eu fiz. Não teria virado nem uma adulta, quanto mais uma adulta feliz, porque tudo me dizia que eu não podia nada. Me diziam: “Isso é impossível, a censura nunca vai deixar isso passar, não”, “Você tinha que ver antes, a gente saía na rua, cantava qualquer música”, “Você não sabe o que era o Teatro de Arena”, “Você não sabe o que era o Teatro Oficina”... Bom, ou eu me matava, ou entrava pro hinduismo e falava numa outra encarnação, ou eu tinha que tratar da minha vida todo o dia. É o que eu digo para as pessoas mais novas. Você tem que arrumar uma solução para o seu dia fechar legal, entendeu? Conseguir dar um mergulho

num dia que dá para dar um mergulho, e saber que você pode melhorar, que não é para ser daquele jeito.

Você já encontrou um madeireiro na sua vida?

Regina - Já encontrei uns dulcíssimos. É impressionante. O cara que corta, não o dono da empresa, mas o cara que corta conhece tudo, e tem uns que são muito legais. É quem conhece madeira mesmo no Brasil. Muitos se arrependem. Quando está no nível de uma pessoa, o madeireiro, em geral o cara não é um filho da puta. Ele está trabalhando para alguém ou não tem a menor noção, acha que aqueles recursos são totalmente inesgotáveis. É ignorante, entendeu? É como a caça. Há pouco tempo, aqui bem perto do Rio, depois de Lumiar, encontrei uns caras que eram uns amores e gostavam da natureza mesmo. Até porque eles caçavam, eles conheciam tudo, sabiam tudo. Agora está indo gente lá e explicando que não pode caçar. É difícil à beça, porque aquilo é atávico, mas ele é legal, ele vai querer. Alguns. Não tô dizendo todo mundo, não posso generalizar. Mas nunca é no nível de uma pessoa. Em geral é por ignorância. Eu tendo a achar que as pessoas são legais.

Qual o lugar mais feio que você viu de natureza no Brasil, do ponto de vista da devastação?

Regina - Não foi por devastação, mas foi o mais chocante porque o aspecto não era como eu imaginava. Eu não conhecia nada do interior de São Paulo, esse lado caipira, Mazzaropi. Sempre achei tão engraçadinho, aquele cara com aquele chapeuzinho de palha, pescando na beira do rio. Aí tem a igrejinha, Pirapora do Bom Jesus, "sou caipira pirapora", tudo aquilo. Agora tem uma estrada-parque ali, que é uma iniciativa super interessante. As árvores são lindas e o lugar também. Isso é muito apavorante. O lugar parece lindo.

Parece?

Regina - É. A paisagem é totalmente bucólica, as pessoas ainda são assim, tem aquelas velhinhas indo para a igreja, tem o caipira. Aí você vai até o rio. Num dia normal, não é naquele dia que sai no Jornal Nacional. Já viu aquela espuma que sai no Jornal Nacional? Eles estão muito perto de São Paulo, e todo o lixo químico e esgoto de São Paulo está muito perto deles. Eles não fazem sujeira, até pelo tamanho da população, lá não tem indústria nenhuma. E aquela imundice que vem de São Paulo cria, primeiro, ilhas de pet. Então tem aquele mesmo cara, o mesmo Mazaroppi sentado, comendo a pamonha, pescando, e aqui uma ilha de pet. Mas ilha mesmo, de você andar em cima, de todo o tipo de sujeira, de plástico. Todas as árvores e raízes e galhos das árvores da beira do rio, ficam desesperadamente filtrando, que é função da mata ciliar, mas não filtrar saco plástico. Parece que o lugar tem mil garças, mas olhando de perto é saco plástico. Os sacos vão pegando nos galhos, vai ficando grudado de plástico dos dois lados, um monte de pet no meio e a espuma vem de repente. E começa a vir um cheiro, um cheiro, que você vai ficando meio enjoado, meio tonto. Eu estava numa loja que vende santinhos, aí as velhinhas, com aquele talquinho, com aquela roupinha indo para a igreja, falavam assim: “Aí, hoje não tá dá dando, a espuma tá demais, o cheiro, tô ficando tão enjoada, tô passando mal”. Aí você vai na ponte e não dá para atravessar porque está coberta pela espuma. Aquela espuma que você vê no Jornal Nacional uma vez, lá dá quase todo dia.

Que horror.

Regina - É tétrico. Quando é um lugar que sempre foi mata, como na Amazônia, e alguém devasta, é terrível. Mas ali tinha gente morando, uma cultura, a igreja, o pescadorzinho, a musica caipira, o rio lindo até hoje, as árvores. Tudo parece ok, mas quando você vai chegando perto parece um filme de terror: o saco plástico, a garrafa pet, o cheiro e depois a espuma.

E essas pessoas não mostravam nenhum tipo de revolta, de querer mudar a situação?

Regina - Os filhos agora têm alguma noção. Ou pais jovens, pessoas no máximo até 40 anos. Com mais do que isso o cara acha que aquilo dali ou é conjuntural ou que vai passar ou é ignorante e não tem noção do que é aquilo. Os mais velhos ficam arrasados, todos falam que não tem mais pesca. Mas não entendem como aconteceu, por que aconteceu. E tem um grupo de revoltados que em geral é chato...

Os ecochatos.

Regina - Tem um pouco de ecochatos, ou alguém da universidade, outros três ou quatro que ouviram o galo cantar e não sabem onde. Ficam querendo que a pessoa não pise na grama. Eu reclamo muito aqui no Jardim Botânico. Todos os seguranças, se você botar o pé na grama, correm apitando. Aí eu chamo eles e falo que a pessoa deve pisar na grama. Ela não deve fazer o mesmo percurso todo dia porque aí vai matar a grama. Mas ir lá, ler o nome da árvore, isso é uma coisa ótima.

Na favela eles têm algum grau de conscientização ambiental?

Regina - Não.

Nada?

Regina - Nada, zero. Quando tem uma árvore na favela, ela é muito escondida. Algumas ninguém tem coragem de cortar porque são muito grandes. Nas

favelas antigas, por exemplo. Deixaram a árvore lá e as casas vão crescendo aqui, aqui, aqui, aqui. Ela acaba embutida num lugar sem ter pra onde crescer. As pessoas nem vêm ela ali. Não serve nem como ponto de referência, nem como sombra, está totalmente asfixiada pelas casas. A relação da favela com a natureza, com as árvores, é nada.

Nem em termos paisagísticos?

Regina – Não. Tem uma coisa que é um amor, que é linda, em favela mais antiga. Favela que tem avó. O lugar é muito pequeno, mas elas vão entupindo de vasinhos e fazendo uns cercadinhos na frente, tipo canteirinho, e vai ficando cheio de plantinha. Remete a quando ela morava no Nordeste, em geral é favela de nordestino. A Rocinha, por exemplo. Outro tema bom pra gente falar é poda e retirada de árvores.

Por quê?

Regina - Ontem mesmo um amigo meu americano ficou horas tentando explicar que na Ataulfo de Paiva, lá no final do Leblon, estavam tentando retirar várias árvores. Os comerciantes dizem que está muito escuro, que é perigoso de noite. Então os motivos que levam as pessoas a cortar árvores na cidade agora são: ladrão, porque tapa o poste, entope calha, suja carro, quebra calçada, motivos assim... Eu fui a Piracicaba e foi horrível, menino, saímos na capa de todos os jornais de Piracicaba, eu parecia uma possuída. Por mais que esteja calejada, tem uns lugares que chego e me descontrolo. Lá tem uma faculdade importantíssima, uma universidade de Agronomia de onde saíram várias pessoas importantes de toda essa área de paisagismo, botânica. A cidade faz 60 graus, é calor qualquer época do ano. Aí eu perguntei como é que não tinha nenhuma árvore na cidade. Comecei a olhar, tinha aqueles canteirinhos de árvore, mas com a árvore cortada, sabe? Ué, que estranho. Aí

comecei a ver outro, e outro, e outro. A gente ia fazer um programa sobre a sibipiruna. Piracicaba já foi quase toda arborizada com sibipirunas. Porque em determinado momento eles fizeram uma lei do tipo “você não paga imposto se plantar uma árvore”. Aí todo mundo foi no horto da cidade, tinha poucas espécies lá, mas tinha um horto vizinho que estava em promoção. Tinha 200 mil mudas de sibipiruna. Aí todo mundo comprou sibipiruna, a cidade ficou cheia de sibipiruna. Sabe qual é a sibipiruna? Ela dá uma florzinha amarela, com uma lancinha, que fica só em cima da copa e solta um melzinho, fica cheia de abelhinha. E esse melzinho suja as coisas. Realmente o carro fica uma eca. Mas você quer o quê? Árvore é um ser vivo. Vai lavar o carro, né? Aí falaram que a raiz dela é terrível, quebra tudo, como se fosse um figo que se alastra. E não era, as pessoas é que não sabem plantar. A pessoa abre um burquinho e planta uma árvore enorme num canteirinho desse tamanho. Então eles ficavam loucos quando aparecia uma rachadura na calçada ou sujava o carro e foram cortando, cortando. E a cidade, que era inteira arborizada de árvores enormes, ficou sem árvores. Aí eu fiquei louca. Chamei os jornais todos, mostrei a prefeitura cortando. Porque a pessoa reclama e o cara da prefeitura vai lá e corta. Aí o cara da prefeitura ficou puto, era o cara que tinha levado a gente para fazer o programa.

Você já viu mudanças concretas que tenham sido provocadas pelo programa?

Regina - Eu gosto muito de atuar em áreas que só dependem da pessoa. Nessa área ambiental é mais difícil ser uma coisa que só dependa de você. Tudo bem, poupar água só depende de você. Xaxim, é um ótimo exemplo. Todos os meus amigos não tinham a menor idéia que não deviam comprar xaxim, nem usar xaxim. Você acredita que aqui na Praça do Jôquei vendem xaxim? E que um negócio daquele, que vem normalmente com a samambaia, para chegar àquele tamanho tem que ser uma *Dicksonia* de no mínimo 50 anos?

E é proibido, está em extinção.

Regina - É proibido, proibidíssimo. Proibido o transporte já, para não ter nem dúvida, o corte e a comercialização.

Vocês foram atrás disso, procuraram o Ibama?

Regina - Demais. Cada estado tinha legislação diferente, foi uma lenha. E com todas as pessoas que eu falei, o cara ali do Jóquei, por exemplo, não vende mais...

Por causa do programa.

Regina - Do programa. Neste caso dá pra ter uma resposta rápida, porque depende do pessoal urbano. A gente fez uma série para o Fantástico que acabou esbarrando no ambientalismo também. Não jogar lixo na rua, não parar o carro em cima da calçada, essas coisas. E eu fiquei impressionada como você tem uma resposta rápida. Qualquer pessoa que eu vejo passando com o cachorro, por exemplo, na rua, faz assim para mim ó, e mostra o saco plástico. É horrível porque você vira aquele fiscal, aquela polícia.

E ainda tem que ficar vendo saquinho com cocô.

Regina – É, “Olha só, tô com o saquinho”. Mas você sente que tem uma resposta aí. Não são questões muito grandes, abrangentes. São coisas que dependem só da pessoa. Muito legal. É o que eu digo: quando é só ignorância, e a pessoa é legal, a partir do momento que ela toma conhecimento, ela diz “Não brinca! Mas, é mesmo? Não pode? Ah, meu Deus, eu fazia”. Isso eu ouvi

muito. As pessoas ficam contentes de poder ajudar, de contribuir de alguma maneira.

Conte o caso de Camaçari, na Bahia. É o nome de uma árvore, não é?

Regina - Isso. É assim pelo Brasil todo. Na Bahia, quase todas as cidades, toda a toponímia é nome de árvore, de planta. Mas como as árvores não estão mais lá, as pessoas nem têm noção que aquilo é nome de árvore. Às vezes a árvore está nos seus últimos suspiros, e tem como recuperar. É o caso de Camaçari. A cidade é Camaçari, o rio se chama Camaçari, a árvore principal era Camaçari. Mas como a árvore dependia do rio, e o rio tá um troço... então não tem mais a árvore. A gente perguntou na rede escolar, na prefeitura, em todos os lugares, o que era camaçari, o nome da cidade, e ninguém sabia. Até que alguém disse: é uma árvore. “Ah, uma árvore. Você conhece a árvore?”. Ninguém conhecia. Até o dia em que a gente estava numa escola pública e tinha uma menina, uma fofa, muito pretinha como não tem mais hoje em dia. Todo mundo já casou em algum lugar com um branco. Mas ela era daquelas que você vê que mora no mato. Ela falou: “Eu sei, eu conheço”. Sério? Ela falou: “É”. Ela também ficou orgulhosa, porque eu acho que era a mais caipira, a mais pobre, a mais preta do colégio. Ela virou a estrelíssima e a gente foi com alguns alunos onde o pai dela disse que tinha. Andamos, andamos, andamos. Aí tinha um corregozinho, um lugar muito bonito, de mata fechada. Na beira desse corregozinho tinha um camaçari enorme, uma árvore linda.

Uma árvore grande.

Regina - Grande, muito bonita. Esse cara, o pai dela, eu sempre digo que ele faz umas 200 ongs. Ele não sabe nem a terminologia Mata Atlântica, mas fala “Essas árvore tudo que tá acabando, eu vou tirando muda”. Ele tem um viveiro e faz tudo por conta própria. É um homem com nove filhos, miserável, vive na rocinha dele de mandioca, um homem incrível que sabe um monte de coisas e cuida e tal.

No que vai dar o *Um Pé de Quê?* Ele se esgota um dia?

Regina - Sei lá, acho que não. Eu me imagino bem velhinha, já comprei até um cajado, andando e fazendo *Um Pé de Quê?*. Eu acho inesgotável. Só de espécies brasileiras são 1.500 descritas, com história. A gente está em 100. Até chegar a 1.500... E vão abrindo outros caminhos. Por exemplo, eu tenho vontade de fazer sobre árvore e arquitetura, árvore e cidade, árvore e os bichos. Ninguém tem intenção de parar a série. A Futura gosta, a gente gosta também. E é um programa tão querido, é impressionante. Só passa no canal a cabo, mas para muitos lugares ela é aberta, entra na parabólica. Tudo que é favela, sitiozinho ou propriedade rural pequena tem parabólica, então ele é muito visto e não tem nenhum controle de ibope. Hoje em dia, mesmo que eu esteja na Globo fazendo alguma coisa, chego nos lugares e as pessoas falam: “É o *Pé de Quê?*”. É muito mais importante do que os outros, em qualquer lugar. Uma vez um cara tava passando a cavalo num lugar ermo e falou. Eu disse “É mentira, que árvore você viu?”, e ele sabia tudo.

Como é feito o programa?

Regina – Desde o ano passado está muito mais organizado, porque tem patrocínio específico. Mas no início era muito mais kamikaze, a gente chegava, ninguém nunca tinha ido lá, era Indiana Jones. Primeiro escolhemos as árvores que eu gostava mais, que eu achava mais bonitas, as que o Estevão [*Ciavatta, diretor do programa e marido de Regina*] gostava. O consultor era o Harri Lorenzi, ainda é. A gente faz uma primeira lista, submete ao Lorenzi, ele diz as áreas de ocorrência. Se o lugar é muito longe a gente tenta achar alguma outra árvore. Fomos lá em Corumbau fazer essa guanandi, dos índios, e acabamos fazendo a berimba, que deu um programa ótimo. É a árvore que faz o berimbau. Então o método varia muito. Tem o problema da época de floração e frutificação, porque a gente só grava no primeiro semestre. Tem árvores que a

gente não fez até hoje, pitanga, porque a gente nunca grava nessa época. Caju, a gente fez sem fruta.

Qual é o saldo pessoal dessa experiência?

Regina - Eu vou te dizer uma coisa, o melhor do *Um Pé de Quê?* são as pessoas que eu conheci. Incrível isso. *Brasil legal* era maravilhoso, você conhece pessoas lindas, mas pode conhecer um chato de galocha, um vodu, um cara do mal. *Um Pé de Quê?* é um atestado de que árvore é legal.

E quem gosta de árvore é legal.

Regina - São pessoas em um outro nível, têm uma relação com a vida completamente diferente. Você pode botar o nome que você quiser, espiritualizadas ou desenvolvidas ou o que quer que seja. Olha, são 5 anos, e tem raras e honrosas exceções do cara chato. Em geral o chato tá na ong grande, que dá exposição, tá entendendo? É o cara que quer ganhar holofote.

É o contato com a natureza que muda as pessoas?

Regina - Com certeza. Com árvore você tem que ter tempo, paciência, saco, perseverança. É outro ritmo. Você vê os ciclos de outra maneira. A noção de processo que qualquer pessoa leva 30 anos de análise para entender. Uma hora vem uma coisa, depois vem outra, daqui a pouquinho vai acontecer isso, você tem noção de que aquilo está acontecendo, ainda não acabou, que daqui a pouco vai acontecer outra coisa. Hoje em dia a gente está tão distante da natureza que já não tem isso nem com lua mais, nem com dia e noite. Se quiser você acende a luz. Mas quando você começa a fazer essa observação, parece que está redescobrimo cada coisa que já existe, como aquilo funciona, todos os mecanismos.

Acontece com você?

Regina - Eu peguei umas sementes ali em frente ao restaurante Porcão Rio's. Tem um lago do Burle Marx que no meio tem uma ilha com um lótus. Um dia eu fui comer lá, fiquei apaixonada porque a semente parece um chuveirinho, cheia de bolinhas. Arregacei a calça e entrei para pegar as sementes. Aí plantei na minha casa, fiz umas caixas no lago e botei os lótus. Achei que não ia acontecer nada, e de repente, é que nem couve, aquele talo grosso que não demora pra crescer. Eu tinha ficado uns dias sem ir e quando cheguei tava com umas três ou quatro folhonas rosas, com aquele negócio grande, aquele miolo que depois fica seco, amarelo. Lótus, né? Aquele do krishna. Eu fiquei chapada. Tem uma palafitazinha no meio do lago, e eu fico ali. Eu estava lendo, e comecei a ouvir um barulho assim: Bóórrrrr, brrr. Eu falei, "Gente, que bicho é esse?". Brrrrrrrr, brrrrr, brrr. E o som não era igual, ia variando. Olhei em todos os negócios, já estava com a escada tentando ver na telha, e não conseguia descobrir o barulho. Estava chovendo, e cada folha dessas é peludinha, redonda. É um negócio redondão, aí a chuva vai caindo e faz uma bola como se fosse de mercúrio quando quebra o termômetro. Fica lindo aquele monte de água. E quando junta uma quantidade de água a folha não agüenta e faz um biquinho com o peso, e derruba. Se a folha de baixo for menor, cai um pouquinho nela, que enche, cai um pouquinho na outra, um pouquinho na outra. As outras, que ainda não completaram, ficam esperando. Então fez brrrrrrr, na outra fez brrrr, na outra não fez barulho nenhum. Quando cair mais chuva e encher o suficiente ela vai fazer brr, mais um pouquinho, compatível com a altura e a quantidade de água que ela reteve. É igualzinho aqueles negócios que vende em loja cafona esotérica, aquelas fontes japonesas que cai uma coisa na outra. Todos esses sistemas de moinhos de água que você viu em todos os filmes, tá tudo ali, funciona igualzinho. É uma fábrica funcionando com todo o design e o barulho incrível. Isso devia ser 9 da manhã. Eu fiquei ali até 9 da noite, impressionadíssima. Mas eu vou pouco a Angra, muito menos do que eu gostaria. Esses velhinhos, o cara só faz isso. O

cara que observa, que estuda uma bromélia, fica ali horas esperando vir um beija-flor. É por isso que eu não posso ver um cara mais velhinho que saio logo puxando papo...